

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

NÁTHALI DA SILVA AQUINO

**VEGANISMO: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA
BRASILEIRA**

Porto Alegre

2024

NÁTHALI DA SILVA AQUINO

**VEGANISMO: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA
BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura.

Coorientadora: Me. Janaina Lais Pacheco Lara Morandin.

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Prof^a. Dr^a. Patricia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof^a. Dr^a. Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

Chefe Substituta: Profa. Dr^a. Caterina Marta Groposo Pavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Dias

Coordenador Substituto: Prof^a. Dr^a. Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Aquino, Náthali da Silva
Veganismo : uma análise bibliométrica da produção científica brasileira / Náthali da Silva Aquino. -- 2024.
63 f.
Orientadora: Ana Maria Mielniczuk de Moura.

Coorientadora: Janaina Lais Pacheco Lara Morandin.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. veganismo. 2. bibliometria. 3. produção científica. 4. comunicação científica. 5. Biblioteconomia. I. Moura, Ana Maria Mielniczuk de, orient. II. Morandin, Janaina Lais Pacheco Lara, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha mãe, pelo incentivo e pela confiança constantemente depositada em mim e a quem eu amo que nem uma moto correndo.

Agradeço meus avós, meu pai e à Dida por todo apoio e carinho que sempre me deram, oferecendo, junto da minha mãe, a melhor infância e adolescência que eu poderia ter tido.

Obrigada ao meu padrasto Cezar, que cuida tão bem da minha mãe e que já me ajudou em diversos momentos.

Agradeço aos meus amigos pela parceria, pela amizade, pelo conforto e por todos os momentos felizes compartilhados. Uma menção especial a Wal, que sempre esteve ao meu lado desde o início desta trajetória.

Expresso minha gratidão às minhas orientadoras Ana e Janaína, pela paciência, pelo apoio, pelas ideias e pelas contribuições que fizeram toda a diferença no produto final deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos ao Maurício e à professora Samile por aceitarem participar desta última etapa de um ciclo que se encerra, abrindo espaço para muitos outros começarem.

Agradeço a todos os envolvidos que tornaram possível eu estar onde estou agora, tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional.

Agradeço também aos meus gatos Sebastian, Natasha e MeiMei, por estarem ao meu lado nos piores e nos melhores momentos, tornando minha vida muito mais feliz.

Por fim, agradeço a Deus por tudo, mas principalmente pela oportunidade de experimentar a vida, e ao meu anjo da guarda, que me protege a todo instante.

RESUMO

A presente monografia compreende uma pesquisa de abordagem quantitativa, com caráter descritivo e que se apropria de técnicas bibliométricas. Possui como objetivo caracterizar a produção científica brasileira sobre veganismo, focando em levantar: os autores mais prolíficos; a afiliação e a formação acadêmica destes autores; a colaboração científica com base na coautoria; as revistas escolhidas pelos pesquisadores, identificando seu Qualis, as áreas e o país de origem; e o ano de publicação dos artigos sobre veganismo. A pesquisa foi realizada com base nos dados obtidos dos currículos Lattes dos pesquisadores, utilizando a ferramenta Brapci Tools e Google Planilhas para tratamento destes dados. Foram analisados ao todo 107 artigos, contando com 220 autores e coautores no total. Como principais resultados, verificou-se que a média de artigos publicados por autor é de 1,4 artigos, enquanto cada artigo possui uma média de 2,9 coautores. Da afiliação dos 11 autores mais produtivos, todos possuem vínculo com instituições públicas, sendo a região mais prolífica o Sudeste. Cerca de 81 títulos de revista foram levantados, destacando-se a Revista Brasileira de Direito Animal, com 7 artigos publicados. Enquanto 14,8% desses títulos possuem a avaliação mais elevada do Qualis (2017-2020), apenas 3,7% possuem a mais baixa avaliação. Das 81 revistas, 87,7% estão disponíveis em acesso aberto e 9,9% possuem acesso híbrido. Apenas 23,5% dos títulos representam periódicos internacionais. Entre 2001 (ano do primeiro artigo publicado) e 2022, o ano com mais publicações foi 2021, com 24 artigos. Conclui que as instituições públicas são as mais produtivas sobre veganismo, que há uma baixa ocorrência de hiperautoria nos artigos sobre a temática e que é recorrente o uso do Open Journal Systems por parte das revistas nacionais. Ainda, percebe a baixa internacionalização das pesquisas brasileiras sobre o assunto e a existência do crescente aumento no interesse dos pesquisadores ao redor do mundo em estudar sobre veganismo.

Palavras-chave: veganismo; bibliometria; produção científica; comunicação científica; Biblioteconomia.

ABSTRACT

This monograph comprises a quantitative research, with descriptive character, utilizing bibliometric techniques. It aims to characterize the Brazilian scientific production on veganism, focusing on identifying: the most prolific authors; their affiliation; the academic training of these authors; the scientific collaboration based on co-authorship; the journals chosen by researchers, including their Qualis, subject areas and country of origin; and the publication year of articles on veganism. The research was carried out based on the data obtained from researchers' Lattes CVs, using Brapci Tools and Google Sheets for data processing. A total of 107 articles were analyzed, involving 220 authors and co-authors. As main results, it was found that the average of articles published per author is 1.4 articles, while each article has an average of 2.9 co-authors. Among the 11 most productive authors, all are affiliated with public institutions, with the Southeast region being the most prolific. About 81 journal titles were identified, highlighting the *Revista Brasileira de Direito Animal*, with 7 published articles. While 14.8% of these titles have the highest Qualis evaluation (2017-2020), only 3.7% have the lowest rating. Of the 81 journals, 87.7% are available in open access and 9.9% have hybrid access. Only 23.5% of the titles represent international journals. Between 2001 (year of first published article) and 2022, the year with the most publications was 2021, with 24 articles. It concludes that public institutions are the most productive on veganism, that there is a low occurrence of hyperauthorship in articles on the subject and the use of Open Journal Systems by Brazilian journals is recurrent. Additionally, it notices the low internationalization of Brazilian research on this theme and the increasing interest of researchers worldwide in studying veganism.

Keywords: veganism; bibliometrics; scientific production; scientific communication; Librarianship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Captura de tela da atual situação do site vinculado a revista "Pensata Animal"..... | 29 |
| Figura 2 – Captura de tela do site vinculado a revista "Pensata Animal" no ano de 2008..... | 30 |
| Quadro 1 – Porque veganismo e vegetarianismo são considerados importantes de se estudar..... | 34 |
| Quadro 2 – Afiliação dos autores mais produtivos, por ordem de Produtividade..... | 35 |
| Gráfico 1 – Afiliação dos pesquisadores mais produtivos – Estados brasileiros..... | 36 |
| Quadro 2 – Serviços e recursos da Biblioteca da PUCRS..... | 12 |
| Quadro 3 – Principais informações sobre as revistas onde foram publicados os artigos brasileiros sobre Veganismo..... | 38 |
| Gráfico 2 – Qualis das revistas..... | 42 |
| Gráfico 3 – Tipo de acesso das revistas..... | 43 |
| Figura 3 – Mapa com a distribuição de revistas por país..... | 47 |
| Quadro 4 – Áreas CAPES de avaliação das revistas..... | 48 |
| Gráfico 4 – Relação das grandes áreas CAPES presentes nas revistas..... | 50 |
| Gráfico 5 – Número de artigos por ano de publicação..... | 51 |
| Gráfico 6 – Quantidade de estudos sobre veganismo e vegetarianismo publicados no mundo, de 1978 a dezembro de 2022..... | 53 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Relação do número de artigos pela quantidade de autores..... | 31 |
| Tabela 2 – Autores brasileiros mais produtivos sobre veganismo.....,,, | 33 |
| Tabela 3 – Relação da quantidade de (co)autores por artigo..... | 37 |
| Tabela 4 – País de origem das revistas..... | 46 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 | PROBLEMA DE PESQUISA..... | 11 |
| 1.2 | OBJETIVOS..... | 12 |
| 1.2.1 | Objetivo Geral | 12 |
| 1.2.2 | Objetivos Específicos | 12 |
| 1.3 | JUSTIFICATIVA..... | 12 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 14 |
| 2.1 | VEGANISMO..... | 14 |
| 2.1.1 | Motivações éticas | 15 |
| 2.1.2 | Motivações ambientais | 16 |
| 2.2 | COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA..... | 18 |
| 2.2.1 | Revistas científicas | 20 |
| 2.2.2 | Colaboração científica | 24 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 27 |
| 4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 30 |
| 4.1 | AUTORES | 31 |
| 4.1.1 | Produtividade..... | 31 |
| 4.1.2 | Afiliação..... | 35 |
| 4.1.3 | Coautoria..... | 36 |
| 4.2 | REVISTAS..... | 37 |
| 4.2.1 | Título, impacto, acesso e origem das revistas..... | 38 |
| 4.2.2 | Área das revistas | 47 |
| 4.3 | ANO DE PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS..... | 50 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 54 |
| | REFERÊNCIAS | 57 |

1 INTRODUÇÃO

O veganismo, como estilo de vida fundamentado em práticas alimentares, éticas e ambientais, tem ganhado cada vez mais destaque nos últimos tempos. Apesar do conceito vegetarianismo ser mais conhecido, entende-se que ser apenas vegetariano é diferente de ser vegano pois, enquanto no primeiro caso o foco é exclusivamente na mudança da alimentação (excluindo da dieta alimentos de origem animal), o segundo consiste em uma completa mudança de hábitos, valores, atitudes e inclusive, alimentação (sempre na medida do possível e praticável). Apesar de concepção semelhante já existir há muitos séculos na prática da vida cotidiana em diversas culturas e de diferentes formas, o termo *vegan* foi criado apenas em 1944 pelos fundadores da The Vegan Society (The Vegan Society, 2014), uma entidade filantrópica que é considerada a organização vegana mais antiga que se tem registro.

Para exemplificar, são algumas atividades que veganos não fazem ou evitam ao máximo fazer: comprar ou utilizar produtos que foram testados em animais; ir ao zoológico ou em circos que possuam espetáculos com animais; andar a cavalo; e comprar animais com intuito doméstico. Resumidamente, qualquer atividade que envolva exploração animal.

Existem outras variações e conceitos relacionados, como dieta *plant-based*, flexitarianismo, pescetarianismo, crudivorismo, frugivorismo etc.¹ Neste estudo, o foco será no veganismo e nos dois conceitos mais próximos a ele: o vegetarianismo (como característica do veganismo) e o **antiespecismo**.

Em termos gerais, o especismo é a prática discriminatória dos seres humanos direcionada a outras espécies de animais. Assim como no racismo, sexismo e capacitismo, no especismo os interesses de um indivíduo são considerados de menor importância apenas por ele pertencer a um outro grupo (Ryder, 2020). Dessa maneira, o movimento antiespecista volta-se a luta de busca pela igualdade de todos os indivíduos sencientes (capazes de sofrer e sentir emoções), excluindo a discriminação arbitrária por raça, etnia, gênero, orientação sexual, idade, espécie, entre outros (Folter, 2020).

¹ Veja mais sobre em: <https://convivium.gastronomia.ufrj.br/vegetarianismo-e-seus-desdobramentos-veganismo-crudivorismo-e-frugivorismo/>.

O veganismo vem apresentando crescente adesão de pessoas por todo o mundo. De acordo com a revista britânica *The Vou* (Meyer, 2023), que realizou um levantamento de pesquisas aplicadas em países como Estados Unidos, Reino Unido, Índia, Austrália e Alemanha, haveria uma estimativa de que em 2023, cerca de 88 milhões de pessoas pelo mundo seriam veganas. A mesma revista mostrou que, nos últimos cinco anos, as buscas por “*veganism*” no Google aumentaram em 580%.

No cenário nacional, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) apontou que, em 2018, 14% da população brasileira se considerava vegetariana, demonstrando um crescimento de 75% desde a pesquisa anterior, de 2012 (Sociedade Vegetariana Brasileira, 2022). Por meio desta pesquisa, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) realizou uma estimativa, baseando-se em pesquisas semelhantes aplicadas em outros países, na qual pode-se chegar na probabilidade de que, dos 30 milhões de brasileiros vegetarianos, cerca de 7 milhões seriam veganos (Stucchi, 2023).

Pode-se elencar dois principais motivos que levam pessoas a se tornarem veganas: a preocupação ambiental e o anseio em extinguir e não contribuir com a exploração animal. Muitos estudos vinculados à universidades renomadas ao redor do mundo demonstram o impacto da cadeia produtiva de criação animal para consumo humano no meio ambiente. Da mesma forma, é perceptível que a relação do ser humano com outros animais sencientes é baseada em extrema violência.

De acordo com um artigo da Universidade de Oxford publicado na revista *Nature Food* em 2023, uma alimentação vegana ou pelo menos uma considerável redução no consumo de carne proporciona diminuição significativa na emissão de gases do efeito estufa, consequentemente colaborando para a redução do impacto ambiental. Segundo os pesquisadores, uma dieta baseada exclusivamente em alimentos de origem vegetal significa redução de 75% na emissão de gases do efeito estufa, 75% menos demanda de uso da terra, 54% menos uso da água e 66% menos perda de biodiversidade (Scarborough *et al.*, 2023).

Apenas nos primeiros três meses de 2023, 7.3 milhões de bovinos, 14.1 milhões de suínos e 1.6 bilhão de frangos foram legalmente abatidos pela pecuária brasileira, resultando em aproximadamente 206 abates por segundo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023). Estas espécies de animais, bem como muitas outras, possuem uma capacidade cognitiva complexa, sentem dor,

sofrimento e alegria tal qual animais domésticos como gatos e cachorros (Sociedade Vegetariana Brasileira, [201-]).

Enquanto a sociedade lida com questões éticas e ambientais, a Ciência da Informação (CI) emerge como um campo multifacetado. Muitas são as áreas e temáticas que esta busca estudar e compreender, com um principal foco em comum: a informação e tudo que a circunda. Historicamente, faz parte do escopo da CI analisar a comunicação e a produção científica de áreas do conhecimento distintas a ela própria. Este tipo de estudo é importante pois, ao acompanhar o fluxo de comunicação científica por meio de indicadores, é possível dispor de amparo técnico-científico complementar para avaliar as mais diversas características da pesquisa científica (Mugnaini; Digiampietri; Mena-Chalco, 2014). Com isso, torna-se viável identificar tendências de pesquisa, impacto das revistas científicas, produtividade institucional, concentração de financiamento de pesquisa por área ou por assunto, colaboração científica etc.

Amplamente, a comunicação científica pode ser vista tanto como uma prática quanto uma área do conhecimento. Esta representa a troca de informações que ocorre entre os cientistas há pelo menos cinco séculos, por diversos meios de comunicação, como revistas (meio formal) ou palestras (meio informal), por exemplo (Meadows, 1999; Targino, 2000). Já os indicadores são medidas utilizadas com o propósito de avaliar pontos específicos da produção científica (Santin; Vanz; Caregnato, 2018). Pode-se mencionar como exemplo os indicadores de impacto científico atribuídos à maioria dos periódicos publicados atualmente.

Percebe-se então a relevância em estudar um assunto tão crescente e pertinente como o veganismo, sob a ótica da comunicação científica e da Ciência da Informação. Com isso, a escolha de realizar este trabalho não apenas atende à necessidade de compreender as características de uma comunidade científica, mas também visa contribuir de algum modo, tanto no âmbito referencial quanto metodológico, para pesquisas futuras que abordem os temas discutidos neste estudo.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais as características da produção científica sobre veganismo no Brasil a partir da Plataforma Lattes?

1.2 OBJETIVOS

Segue abaixo o objetivo geral e os objetivos específicos que orientaram o trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Caracterizar a produção científica brasileira sobre veganismo tendo como base os artigos publicados e adicionados à Plataforma Lattes.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) identificar os autores mais prolíficos sobre o tema;
- b) verificar a afiliação e a área de formação dos autores mais produtivos;
- c) investigar a colaboração científica por meio da coautoria dos artigos;
- d) caracterizar os principais periódicos quanto à concentração de publicação, tipo de acesso, Qualis e área de conhecimento/origem;
- e) descrever os indicadores de produtividade a partir da evolução temporal da temática.

1.3 JUSTIFICATIVA

Primeiramente, é necessário reforçar a ideia da crescente popularidade do veganismo e a relevância do assunto na atualidade, como já apontado na introdução deste trabalho, principalmente no que se refere ao meio ambiente e a relação do ser humano com os animais não-humanos.

Além disso, percebe-se que existem poucos trabalhos sobre veganismo na Ciência da Informação brasileira, apesar de suas grandes potencialidades. Em um levantamento feito em julho de 2023 no Google Acadêmico, na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), na Scientific Electronic Library Online (SciELO), no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Lume e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram encontrados no total: três artigos sobre veganismo (Schinaider *et al.*, 2017; Silva; Almeida, 2021; Negrini; Oliveira, 2019), sendo um da

área de Agricultura e um da Comunicação Social, porém ambos com aspectos relacionados à Ciência da Informação; 3 artigos sobre especismo (Miglioranza, 2017; Oliveira; Amaral, 2022; Rosa, 2020), sendo um deles da Museologia; e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) também sobre especismo (Lima, 2017). Não foram encontradas produções sobre vegetarianismo neste levantamento.

Ademais, como justificativa para este trabalho dentro da Ciência da Informação, menciona-se o uso das métricas e suas ferramentas como forma de possibilitar a caracterização das áreas do conhecimento e identificar aspectos da comunicação científica, verificar o impacto das revistas científicas em suas devidas áreas e muito mais. Isto posto, deseja-se contribuir de alguma maneira para a produção científica neste contexto.

Compreende-se que, sendo um estudo que busca descrever características determinadas de uma comunidade científica específica e de um tema pertinente para a sociedade, o mesmo poderá servir como amparo teórico e referencial para produções científicas futuras dentro da Ciência da Informação, especialmente no que se refere à comunicação científica, além de possíveis contribuições metodológicas.

Por fim, pode ser mencionado o interesse da autora em entender mais sobre o assunto, tratando-se de uma temática que lhe convém particularmente. Em 2016, tornou-se ovolactovegetariana e, durante quase três anos, assim se manteve. Até que, em dezembro de 2018, iniciou sua transição para o veganismo, completando então mais de cinco anos neste movimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção é apresentado o referencial teórico que será utilizado para a compreensão sobre o conceito de veganismo, o surgimento do termo, a história e as motivações que envolvem esse movimento e os principais autores sobre o tema. Além disso, trata sobre a área da comunicação científica, o protagonismo das revistas científicas e a importância da colaboração científica, apresentando a relevância e as aplicações da bibliometria na ciência.

2.1 VEGANISMO

Sendo a junção das três primeiras letras de **vegetarianism** com as cinco últimas, a descrição oficial de **veganism**, segundo a instituição inglesa The Vegan Society, é que

O veganismo é uma filosofia e modo de vida que procura excluir **-tanto quanto possível e praticável-** todas as formas de exploração e crueldade contra animais, para alimentação, vestuário ou qualquer outro propósito; e, por extensão, promove o desenvolvimento e uso de alternativas sem origem animal em benefício dos animais, dos seres humanos e do meio ambiente. Em termos dietéticos, denota a prática dispensar todos os produtos derivados total ou parcialmente de animais. (The Vegan Society, 2014, p. 6, tradução nossa, grifo nosso).

Nisso, faz-se importante diferenciar **veganismo** da definição de **vegetarianismo** que, segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB, [201-]), é “[...] o regime alimentar que exclui os produtos de origem animal”. Ainda dentro do vegetarianismo, a SVB admite a existência de algumas variações, sendo essas:

- a) Ovolactovegetarianismo: inclui o consumo de ovos e leite (e seus derivados);
- b) Lactovegetarianismo: inclui o consumo de leite e seus derivados;
- c) Ovovegetarianismo: inclui o consumo de ovos;
- d) Vegetarianismo estrito: consumo sem qualquer produto de origem animal. (Sociedade Vegetariana Brasileira, [201-]).

Sendo assim, presume-se que todo vegano é vegetariano estrito, porém nem todo vegetariano estrito é vegano, já que **vegetarianismo** trata apenas de questões

dietéticas. Entretanto, estes conceitos são frequentemente confundidos, sendo **veganismo** e **vegetarianismo** tratados erroneamente como sinônimos em muitas ocasiões. Da mesma forma, é comum se utilizar apenas do termo **vegetarianismo** para tratar de **ovolactovegetarianismo** e **veganismo** ou **dieta vegana** para **vegetarianismo estrito**.

É possível observar a existência de concepções semelhantes a estas em algumas sociedades antigas, como na Índia e no Mediterrâneo Oriental. Adeptos do budismo, do hinduísmo e do jainismo acreditavam que o ser humano não deveria causar dor aos animais, dessa forma aderindo ao vegetarianismo (Suddath, 2008).

Pitágoras, um dos maiores filósofos da Grécia Antiga, pode ser considerado o primeiro teórico (na qual há relatos registrados) a defender o não consumo de carne e ir fervorosamente contra a ideia de matar animais (Arioch, 2018). Esta relação entre o filósofo clássico e suas reflexões sobre os animais sencientes é relatada nos escritos de Porfírio em “Vida de Pitágoras” e de Ovídio em “Metamorfoses”. Na obra *“Ethical vegetarianism: from Pythagoras to Peter Singer”* dos autores Kerry Walters e Lisa Portmess também pode-se encontrar outras referências sobre o autor e sua relação com o princípio teórico do vegetarianismo.

2.1.1 Motivações éticas

O ser humano é um indivíduo complexo, com autoconsciência, dotado de racionalidade, criatividade e inteligência, imerso em cultura e em um conjunto de normas sociais e condutas morais. Nisso, entende-se “moral” como uma bagagem de princípios e valores transmitida de geração para geração, com o intuito de servir como uma orientação de como agir, como se comportar e como viver de maneira justa e da melhor forma possível (Naconecy, 2014; Cortina; Martínez, 2005).

Já a ética perpassa por uma ótica mais reflexiva e filosófica acerca da moral. Por meio dela é possível “[...] justificar a existência do moral e oferecer uma orientação para as decisões humanas [...]. Adotar uma ética significa estar disposto a julgar certas ações como preferíveis a outras.” (Naconecy, 2014, p. 14-15). Acerca disso, é iminente falar das escolhas tomadas consciente e inconscientemente pelos sujeitos.

As escolhas podem afetar apenas o indivíduo que as toma, outros indivíduos ou ambos. Ao passo que uma escolha afeta ou prejudica outrem, esta passa a ser

denominada como escolha moral e deve ser submetida a uma avaliação sob critérios da moralidade. No momento que as decisões sobre as ações são colocadas em prática, todos os desejos, impulsos, inclinações e interesses particulares de um indivíduo podem intencional ou não intencionalmente, direta ou indiretamente beneficiar ou prejudicar outro indivíduo (Naconecy, 2014).

Coloca-se então uma perspectiva: não seriam os animais não-humanos, bem como são os animais humanos, indivíduos e sujeitos com sensações, desejos, vontades e interesses? Portanto, por qual razão os primeiros são tratados tão distintamente, de maneira que sua existência significa inevitavelmente sua subordinação ao segundo?

Animais de estimação estão presente em muitos lares, em não raras ocasiões sendo tratados como membros da família. As pessoas choram e ficam profundamente tristes com a morte de um cachorro e se emocionam com uma história de resgate de um gato que passa dificuldades na rua. Claramente, esta exemplificação condiz com um contexto específico, porém amplamente identificável, e reflete a cultura na qual a autora está inserida.

Existem leis pelo mundo todo que proíbem maus tratos aos animais, porém estas leis não amparam animais destinados para consumo humano. Com isso, estes sistemas de produção industrializada de animais para abate não são impedidos de utilizar da violência e da tortura, caso isso seja mais eficaz em termos de custo (Joy, 2014). Segundo Joy, “Os procedimentos operacionais-padrão na indústria não são concebidos para serem cruéis. Esse não é seu objetivo ou intenção. Eles são concebidos para serem eficazes em termos de custo.” E com isso, se for menos custoso torturar estes animais no processo, assim será feito (Joy, 2014, p. 11).

2.1.2 Motivações ambientais

De acordo com a Organização das Nações Unidas (Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2006), a pecuária demonstra extenso impacto no meio ambiente, sendo a criação de animais para consumo um dos fatores responsáveis por muitas das crises ambientais que ocorrem atualmente, como “[...] destruição de florestas, desertificação, perda de biodiversidade, escassez de água doce, poluição da água e erosão do solo.” (Schuck; Ribeiro, 2018, p. 9).

Esta cadeia produtiva envolve diversas etapas, que podem variar de acordo com a espécie. Entretanto, algumas características são iguais para todos: cada animal necessita de uma quantidade determinada de água, de terra, de alimento e de energia. Conseqüentemente, cada um desses animais acabam produzindo quantidade extensa de dejetos e emitem, direta e indiretamente, poluentes que afetam o solo, o ar e a água (Schuck; Ribeiro, 2018).

No quesito produção de alimentos para consumo humano, este sistema demonstra ser bastante ineficiente, visto que, para alimentar estes animais são utilizadas aproximadamente dez vezes mais calorias do que as que os próprios possuem em sua carne (Cassidy *et al.*, 2013). Na prática, isso significa que

[...] cada caloria de carne produzida requer o uso de áreas de cultivo pelo menos seis vezes maiores do que o necessário para produzir uma caloria com cultivos vegetais como batata, milho e arroz. No caso da produção de carne bovina, a área necessária para produzir uma caloria de carne chega a ser dezenas de vezes maior do que a área necessária para produzir a mesma quantidade de calorias de fontes vegetais. (Eshel *et al.*, 2014² *apud* Schuck; Ribeiro, 2018, p. 6).

A necessidade que surge de utilizar cada vez mais extensão de terra para criação de animais neste cenário implica no desmatamento das florestas, perda de biodiversidade e de habitats da fauna local, alteração do solo, entre outros (Schuck; Ribeiro, 2018). Segundo a ecóloga Ima Vieira, 80% do desmatamento da floresta amazônica é resultado da atividade pecuária. Além disso, a pesquisadora menciona o uso de fogo como uma técnica agrícola utilizada pela pecuária para “limpar” o terreno, assim abrindo espaço para a criação de vacas (Barbosa, 2019).

Nisso, vale a reflexão: o Brasil possui uma extensão territorial de 8.5 milhões de quilômetros quadrados, com uma população humana de 203 milhões de habitantes (IBGE 2022), de bovinos, 224 milhões (2021) e de aves, 1.53 bilhão aproximadamente. O país é um dos maiores produtores e exportadores de soja e de milho do mundo. Apesar disso, a maioria desta produção é destinada para a cadeia produtiva de animais para consumo, seja dentro do Brasil quanto fora, pela exportação desses grãos.

² ESHEL, Gidon et al. Land, irrigation water, greenhouse gas, and reactive nitrogen burdens of meat, eggs, and dairy production in the United States. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 111, n. 33, p. 11996-12001, 21 jul. 2014.

Diante do exposto, sobre reflexões e compreensões acerca do veganismo, torna-se importante explorar o significado da comunicação científica e seus impactos na sociedade. Dito isso, a seção subsequente aborda aspectos relacionados à comunicação científica, às revistas científicas e à colaboração entre pesquisadores.

2.2 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Não há ciência sem comunicação. Não há comunicação sem **informação**. (Targino, 2000, p. 5)

O fazer científico é fundamental para o avanço da sociedade como um todo. É por meio deste que o ser humano compreende o seu redor, descobre fenômenos e desenvolve novos conhecimentos através de métodos sistemáticos seguros. Entretanto, o produto desse fazer não é eterno, tendo em vista a dinamicidade da natureza e de seus agentes, o que faz com que a ciência seja um processo contínuo de investigação e de revalidação (Targino, 2000).

Nesse contexto, a comunidade científica desempenha papel crucial. Conforme explica Le Coadic (1996), este é o grupo social na qual estão inseridos os atores que constroem a informação, se caracterizando por indivíduos que possuem suas carreiras voltadas para a pesquisa e que possuem um forte senso competitivo. Estas comunidades podem se organizar por disciplina/área do conhecimento, país, idioma e até mesmo por ideologia política, costumes culturais e valores morais. Com isso, entende-se que a comunidade científica não é apenas um agregado de indivíduos isolados, mas sim um sistema entrelaçado na qual o reconhecimento e o progresso de um pesquisador influencia e é influenciado pelo trabalho de outros (Le Coadic, 1996; Silva; Alves; Barreiras, 2019).

Segundo Stumpf (1994), para que ocorra qualquer tipo de avanço científico, é necessário que o pesquisador conheça aquilo que previamente já foi conhecido. Com isso, a comunicação científica se torna essencial, representando a maneira na qual os pesquisadores disseminam sistematicamente suas descobertas. Para além disso, faz parte de um sistema em que aquele que produz a informação científica é também o que outrora a consome e a utiliza para produzir mais conhecimento. Como ainda afirma a autora “[...] o emissor e o receptor são os próprios cientistas

que ora produzem ora utilizam o conhecimento, invertendo constantemente seus papéis, num modelo circular, contínuo e regenerativo.” (Stumpf, 1994, p. 15).

De maneira prática, Menzel (1958 *apud* Kaplan; Storer, 1968) elenca principais funções da comunicação científica:

- a) oferecer respostas a questões específicas;
- b) auxiliar o pesquisador a permanecer atualizado sobre o desenvolvimento e evolução da sua área;
- c) servir de amparo para o pesquisador descobrir e compreender novos campos de interesse;
- d) demonstrar tendências de um novo campo, incentivando os pesquisadores ao propiciar a sensação de relevância de suas produções;
- e) investigar a confiabilidade do conhecimento produzido a partir de testemunhos e de verificação;
- f) expandir ou redirecionar os interesses dos pesquisadores;
- g) proporcionar o levantamento de críticas construtivas que sirvam para o aperfeiçoamento das produções científicas. (Menzel, 1958 *apud* Kaplan; Storer, 1968).

Como em qualquer sistema de comunicação, existem canais por onde é transmitida a informação. Nesse caso, os canais da comunicação científica se caracterizam principalmente como sendo informais ou formais. Os canais informais são aqueles na qual a informação ocorre por meio da oralidade ou da escrita e é caracterizada pelo contato interpessoal e informal entre indivíduos. Alguns exemplos são: conferências, congressos, reuniões, eventos científicos como um todo, conversas presenciais (ou, na realidade atual, em ambientes digitais) etc.

Já os canais formais representam a informação transmitida pela escrita, podendo ser revistas, artigos, livros, capítulos de livros, relatórios etc. Constitui a informação que pode ser armazenada e recuperada mais facilmente e que dispõe, na maioria dos casos, de maior confiabilidade, por conta da avaliação prévia necessária para sua publicação (Meadows, 1999; Targino, 2000). Vanz e Silva Filho (2019, p. 22) corroboram com esta concepção ao afirmar que “A divulgação dos resultados de pesquisa ao julgamento da comunidade científica e sua posterior aprovação por essa comunidade é o que assegura credibilidade aos resultados.”.

Continuando no quesito formal da informação científica, a partir do momento em que esta é registrada, a comunicação científica produz o que é chamado de literatura científica. Esta diz respeito às publicações reunidas que representam a totalidade de trabalhos produzidos pelos cientistas. É por meio do ato de publicar as pesquisas e seus resultados que o conhecimento científico se torna público, possibilitando o acesso para os demais pesquisadores e permitindo, assim, o avanço da ciência (Mueller, 1995). De acordo com a autora, “No desenvolvimento da ciência, o conhecimento já estabelecido é aumentado, aprimorado, revisto e corrigido pelos resultados de novas pesquisas.” (Mueller, 1995, p. 64).

Vale comentar ainda sobre a internacionalização da pesquisa, que é vista como uma estratégia fundamental para promover o avanço da ciência, a diversificação do conhecimento científico e a inserção global de países em desenvolvimento no cenário científico mundial, alcançando maior relevância com seus estudos e possibilidade de obter financiamento estrangeiro para suas pesquisas (Santin; Vanz; Stumpf, 2016).

Contudo, deve-se observar que este processo apresenta características distintas a depender da área na qual se está tratando. Ainda em Santin, Vanz e Stumpf (2016, p. 85), as autoras compreendem que “O processo de internacionalização está condicionado às especificidades de cada área, país ou instituição, com suas culturas de publicação.” e que deve-se “[...] levar em conta a diversidade e a heterogeneidade das diversas áreas, além do contexto econômico, político, sociocultural e geográfico em que ocorrem as atividades científicas.”. Adicionalmente, é necessário ter em mente que existem temas ou pesquisas de interesse regional e temas ou pesquisas de interesse global por parte da comunidade científica (Volpato; Freitas, 2003).

2.2.1 Revistas científicas

Considerada uma peça fundamental para o processo da comunicação científica contemporânea, as revistas ou periódicos científicos podem ser definidos como um tipo de publicação seriada, que passa por processo de editoração e que é segmentada em fascículos. Possui periodicidade de publicação por tempo indeterminado, porém com intervalos pré-determinados. Trata de múltiplos assuntos dentro do escopo da política editorial definida por cada revista e conta com a

colaboração de diversas pessoas (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2018).

As revistas científicas se destacam nesse sistema de comunicação por diversos fatores, sendo um dos mais emblemáticos a possibilidade de publicar as pesquisas e seus resultados de modo mais acessível, com ampla disseminação e com maior rapidez e agilidade (Mueller, 1995), proporcionando dinamicidade ao processo científico. Os periódicos científicos também contribuem para que os cientistas se mantenham atualizados ao manter contato com a literatura mais recente de suas respectivas áreas (Vanz; Silva Filho, 2019)

Algumas outras funções são apontadas por Mueller (2000) de acordo com a Royal Society, como: ser um meio de comunicação formal dos resultados de pesquisa originais entre pesquisadores; resultar na preservação do conhecimento registrado que poderá vir a ser recuperado no futuro; estabelecer a propriedade intelectual do autor da pesquisa; manter um padrão de qualidade na ciência.

Outro aspecto essencial das revistas é a credibilidade que envolve esse tipo de publicação, tendo em vista os parâmetros que precisam ser seguidos (ditados pela própria metodologia científica) e a avaliação na qual os artigos das revistas precisam passar para que sejam finalmente publicados.

A publicação em periódicos que dispõem de um corpo de avaliadores respeitados confere a um artigo autoridade e confiabilidade, pois a aprovação dos especialistas representa a aprovação da comunidade científica; sem ela um pesquisador não consegue publicar seu artigo em periódicos respeitados; sem publicar não consegue reconhecimento pelo seu trabalho. (Mueller, 2000, p. 76).

A avaliação é fundamental para conferir qualidade aos trabalhos publicados (e conseqüentemente, à ciência) e costuma ocorrer na maioria dos periódicos por meio do modelo chamado *peer-review* ou simplesmente avaliação por pares (Vanz; Silva Filho, 2019). Esta avaliação é realizada por especialistas na área do artigo submetido, os considerados *pares* daqueles que são sujeitos à avaliação. Estes podem vir a aceitar, pedir alguma alteração ou recusar a publicação. Além disso, é comum que cada comunidade científica possua critérios específicos e próprios de avaliação. (Davyt; Velho, 2000; Pavan; Stumpf, 2009).

Outro componente relevante, desta vez na avaliação das revistas científicas, refere-se aos indicadores de impacto científico. Esses indicadores são comumente,

porém não exclusivamente, atribuídos a periódicos com base em critérios preestabelecidos, variando de acordo com o indicador em questão, e são utilizados frequentemente como:

- a) ferramenta para avaliar a qualidade das revistas;
- b) critério de escolha de um pesquisador sobre onde publicar seus artigos;
- c) instrumento acadêmico para avaliar a produtividade e qualidade dos pesquisadores, grupos de pesquisa e programas de pós-graduação;
- d) parâmetro para obtenção de financiamento governamental e/ou de agências de fomento, tornando-se uma ferramenta de decisão para alocação de recursos aos pesquisadores (Ruiz; Greco; Braile, 2009; Thomaz; Assad; Moreira, 2011).

Menciona-se como um exemplo mais conhecido internacionalmente o Fator de Impacto (FI), pertencente à empresa Clarivate Analytics. Este indicador é atribuído a periódicos indexados na base Journal Citation Reports (JCR), igualmente mantida pela Clarivate Analytics. No caso do FI, calcula-se o número total de citações recebidas pelos artigos de um periódico nos dois últimos anos, dividido pelo total de artigos publicados pela mesma revista nestes mesmos dois anos. O resultado é o Fator de Impacto desta revista, que será recalculado a cada dois anos.

Existem diversos outros indicadores de impacto científico, vinculados a empresas grandes ou pequenas, privadas ou governamentais. No cenário acadêmico brasileiro, destaca-se o Qualis Periódicos, que pode ser consultado através da Plataforma Sucupira.

Em constante revisão e desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação, o Qualis utiliza atualmente oito estratos para avaliar periódicos científicos nacionais e estrangeiros. Estes são: A1 (maior classificação), A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4 (menor classificação) e um adicional, o C, para revistas que não são consideradas científicas ou que não atingiram os critérios mínimos que cada área estabelece para poderem ser classificadas (Barata, 2016; Brasil, 2023b). Além disso, o Qualis depende do quadriênio examinado e das áreas do conhecimento classificadas pela CAPES, visto que cada área possui sua metodologia própria para classificar suas revistas.

Ademais, tem-se o Qualis como sendo

[...] uma das ferramentas utilizadas para a avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil. Sua função é auxiliar os comitês de avaliação no processo de análise e de qualificação da produção bibliográfica dos docentes e discentes dos programas de pós-graduação credenciados pela CAPES. Ao lado do sistema de classificação de capítulos e livros, o Qualis Periódicos é um dos instrumentos fundamentais para a avaliação do quesito produção intelectual, agregando o aspecto quantitativo ao qualitativo. (Barata, 2016, p. 16).

Compreende-se que a função principal do Qualis não é ser utilizado como um medidor de impacto científico das revistas e nem mesmo ser levado em consideração como um critério de decisão dos pesquisadores para submissão de artigos, já que seu propósito fundamental é servir como uma ferramenta para avaliar os programas de pós-graduação brasileiros (Barata, 2016, p. 17).

Todavia, é comum que o Qualis seja utilizado destas outras maneiras, visto a dificuldade dos periódicos brasileiros em serem inseridos nas grandes bases internacionais que possuem medidores de impacto próprios para tal função, como o FI vinculado a periódicos presentes na Web of Science ou o CiteScore, vinculado às revistas indexadas na plataforma Scopus da Elsevier.

Como comentado anteriormente, o impacto de um periódico científico pode influenciar significativamente a decisão de um pesquisador sobre onde publicar seus artigos e assim, servir como um critério de escolha para os autores. Entretanto, outro critério também tem se mostrado presente entre as alternativas dos cientistas contemporâneos.

Antes dos periódicos em meio eletrônico se estabelecerem e se tornarem amplamente aceitos pela comunidade científica, o acesso à informação científica era consideravelmente mais complicado. Isto se devia não apenas pelo meio se limitar exclusivamente ao impresso, mas muito pelos altos custos para publicar e acessar os artigos acadêmicos, disponíveis por meio de assinaturas que costumavam ser realizadas pelas bibliotecas universitárias (Mueller, 2006).

Com a consolidação das revistas eletrônicas no cenário científico, nasce então o “[...] movimento de acesso aberto, que defende o acesso amplo e irrestrito do conhecimento, pelo maior número possível de pessoas.” (Vanz; Silva Filho, 2019, p. 29). Essa iniciativa visa beneficiar não apenas a comunidade acadêmica, mas também a sociedade como um todo, possibilitando que mais pessoas desfrutem dos avanços e contribuições no campo científico.

Além do mais, pode-se mencionar diversas outras vantagens oferecidas pelo movimento Open Access (OA), como também é chamado. Vanz e Silva Filho (2019) comentam que o OA facilita o acesso às produções de instituições de pesquisa, trazendo visibilidade às instituições de países mais afastadas geograficamente dos centros tradicionais. Da mesma forma, aproxima os cientistas da informação científica, visto que as barreiras geográficas deixam de ser um grande problema. Mas para além disso, uma vez que cada país possui suas próprias políticas de incentivo à pesquisa, as questões econômicas e desiguais de cada país se tornam singelamente menores.

Nisso, aumentar a visibilidade dos artigos ao publicar em acesso aberto, faz com que os mesmos sejam mais citados (tendo em vista a facilidade em obtê-los), conseqüentemente elevando a relevância e o impacto tanto das revistas quanto dos pesquisadores que optaram por publicar em acesso aberto. (Nassi-Calò, 2018; Vanz; Silva Filho, 2019).

2.2.2 Colaboração científica

De maneira geral, existem diversas formas dos pesquisadores colaborarem uns com os outros para o andamento de suas pesquisas. Desde a concepção de uma ideia inicial provocada por uma conversa no bar da universidade até a solução de um problema metodológico resolvido em conjunto em uma reunião do grupo de pesquisa. Ou ainda, as considerações de pesquisadores mais experientes após a apresentação de um trabalho em um evento acadêmico. Todos esses exemplos possuem uma característica em comum: o aspecto da colaboração não pode ser quantificado e nem analisado por meio de indicadores.

Entretanto, o conceito de colaboração científica em si pode variar dependendo da percepção do estudioso sobre o tema, da área do conhecimento (Vanz; Stumpf, 2010) ou até mesmo da época, levando em consideração os avanços tecnológicos dos últimos anos. Katz e Martin (1997) compreendem que a colaboração científica pode ser entendida como um trabalho em conjunto na qual pesquisadores buscam um objetivo principal em comum: produzir novos conhecimentos científicos. Sendo assim, esse tipo de colaboração “[...] envolve o empréstimo de capital material ou intelectual, sob a forma de instrumentos, técnica, espaço e credibilidade.” (Vanz; Stumpf, 2010, p. 45)

Percebe-se que a colaboração científica pode ocorrer em diversos níveis, como entre indivíduos, instituições de pesquisa, países e áreas do conhecimento (Vanz; Stumpf, 2010). Além disso, existem inúmeros motivos que resultam na colaboração entre pesquisadores. Alguns dos pontuados por Katz e Martin (1997) são: questões econômicas, visto o elevado preço de equipamentos de alta tecnologia e financiamentos limitados; a busca pelo aumento de visibilidade e reconhecimento no meio acadêmico; aumento da especialização na ciência (alguns poucos pesquisadores super especialistas em novas tecnologias); crescimento do número de pesquisadores e, conseqüentemente, necessidade de pesquisadores novatos em adquirir experiência; desejo de aumentar a multidisciplinaridade nas produções; afinidade temática ou pessoal entre pesquisadores.

Seja qual for a razão de sua ocorrência, a colaboração científica proporciona “[...] troca de conhecimento, de habilidades e de técnicas” (Katz; Martin, 1997, p. 14, tradução nossa) entre os cientistas envolvidos, significando, assim, um dos principais fatores de sucesso da ciência na modernidade (Leclerc *et al.*, 1992). Portanto, utilizar técnicas bibliométricas para investigar a colaboração científica por meio de indicadores bibliométricos de colaboração pode servir como uma maneira de quantificar esse comportamento entre diferentes áreas, instituições, países etc.

Dito isso, faz-se importante entender um pouco sobre no que consiste a bibliometria e o que são os indicadores bibliométricos. De acordo com Araújo (2006), a bibliometria utiliza técnicas estatísticas para medir a produtividade e disseminação do conhecimento científico e descrever características específicas da literatura e de outros meios de comunicação, consistindo então em análises quantitativas da informação. Os indicadores compreendem medidas ou parâmetros utilizados na avaliação de várias atividades como, por exemplo, a atividade científica (Santin; Vanz; Caregnato, 2018).

Retornando aos indicadores de colaboração científica, evidencia-se como exemplo o indicador de coautoria. A coautoria se caracteriza como sendo, além de um produto, a materialização da colaboração científica entre pesquisadores, ocorrendo quando mais de um pesquisador participa direta e intensamente na produção de uma pesquisa (Grácio, 2018; Hilário; Grácio; Guimarães, 2018). Estes assumem a integral responsabilidade pelo conteúdo produzido “[...] por meio da assinatura conjunta do trabalho, de modo que possam, em qualquer instância,

apresentar e defender a ideia original da obra.” (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018, p. 17-18).

Desse modo, analisar coautoria e redes de coautoria por meio de indicadores bibliométricos é também uma, porém não a única, forma de mensurar a colaboração científica entre pesquisadores, instituições e países (Maia; Caregnato, 2008; Ponomariov; Boardman, 2016). Entretanto, faz-se importante comentar brevemente sobre um aspecto presente na ocorrência de coautoria em algumas produções acadêmicas.

O maior impasse ético envolvendo a coautoria se refere à atribuição massiva de autores em uma única produção científica, a chamada hiperautoria. Verifica-se que a principal crítica a este fenômeno

[...] consiste no questionamento sobre a necessidade de se atribuir a autoria de uma pesquisa a muitos pesquisadores, colocando em dúvida a credibilidade do estudo e a participação de todos os autores em seu desenvolvimento. Em outras palavras, a constatação da hiperautoria leva ao questionamento daquilo que, a rigor, possa ser considerada como autoria e, no caso concreto, em que medida toda aquela profusão de autores ali nominados efetivamente contribuiu intelectualmente para a construção do texto. (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018, p. 14).

A quantidade de coautores atribuídos a uma pesquisa tende a seguir padrões ou regras que variam a depender da área, da disciplina e das normas metodológicas e tradições que guiam cada domínio do conhecimento (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018; Hjørland, 2002). Ainda, a escolha dos pesquisadores envolvidos geralmente é motivada pelas necessidades da pesquisa em si, pela validação e contribuição de conhecimentos complementares (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018).

Contudo, algumas condutas antiéticas, às vezes influenciadas por políticas científicas e competitividade acadêmica, podem levar a atribuição do mérito e da responsabilidade pelo trabalho elaborado a pessoas que não participaram de fato na construção daquele conhecimento. Alguns exemplos que poderiam ser citados incluem: a necessidade de publicar, visando o aumento da produtividade e, por conseguinte, das chances de obtenção de financiamento; e a validação e reconhecimento proveniente de ter um trabalho publicado em conjunto com pesquisadores mais prestigiados e já estabelecidos no meio científico (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018).

3 METODOLOGIA

Quanto à abordagem deste estudo, identifica-se como sendo quantitativa, considerando que são utilizadas técnicas bibliométricas com indicadores quantitativos para coleta e análise dos dados. Ainda, foram aplicadas análises estatísticas após o agrupamento, tratamento e a organização destes dados, para que fosse possível identificar as informações desejadas e realizar constatações pertinentes.

O mesmo se caracteriza como uma pesquisa de natureza básica e de caráter descritivo, visto o intuito de descobrir as características de um recorte específico da produção científica brasileira e, conseqüentemente, descrevê-la. Faz-se importante esclarecer que não foi realizado qualquer recorte temporal, justamente pelo *corpus* representar uma quantia considerada suficiente para uma análise completa baseando-se em um panorama amplo sobre o assunto.

Para contextualização, a plataforma Lattes, onde foi realizada a coleta dos dados, trata-se de uma base de dados brasileira que reúne informações sobre pesquisadores (currículos), grupos de pesquisa e instituições com foco na ciência e na tecnologia. Esta é vinculada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e representa grande importância para a comunidade científica brasileira (Brasil, 2023a). A justificativa da escolha desta base se dá justamente pelo destaque que o Lattes possui no cenário acadêmico brasileiro e também, pela quantidade de informações que podem ser extraídas dela.

A plataforma Lattes, em “Buscar currículo”, permite procurar pelo nome de um pesquisador ou pelo assunto da produção vinculada ao currículo do mesmo. Para este estudo, optou-se por utilizar o termo “**veganismo**” na busca por assunto, delimitando para recuperar apenas currículos de doutores que possuam nacionalidade brasileira. Por padrão ou por alguma limitação da plataforma, somente currículos atualizados nos últimos 48 meses foram recuperados.

A busca, que foi realizada no dia 22 de outubro de 2023, retornou no total 437 currículos. Posteriormente, foi coletado manualmente de cada currículo e enviado para o Google Planilhas as seguintes informações: ID Lattes (código identificador do currículo); nome do pesquisador; e contagem de vezes que o termo **veganismo** aparece no currículo, utilizando o atalho CTRL + F do navegador. Neste primeiro momento foi possível observar que muitos dos currículos recuperados

assim foram por conta de orientações de trabalhos, participação em bancas ou em eventos, e não necessariamente pelas suas produções (artigos ou capítulos de livros por exemplo) possuírem alguma relação com veganismo.

Para realizar outra parte da coleta de dados, utilizou-se a ferramenta Brapci Bibliometric Tools. Esta consiste em uma extensão da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e que pode ser utilizada por pesquisadores que desejam fazer análises métricas baseando-se no Lattes ou que precisam de um tratamento específico para processamento de linguagem natural.

Após alguns testes para melhor compreensão do funcionamento da ferramenta, em 29 de outubro de 2023 os 437 currículos foram importados para a Brapci Tools, sendo que destes 437, 10 resultaram em erro e não conseguiram ser processados pela ferramenta. Apesar disso, pela quantidade ser pequena, decidiu-se fazer uma coleta manual e posteriormente fusionar os dados em uma única planilha.

Pela Brapci Tools, foram exportados para uma planilha Excel os principais dados de todos os artigos presentes nos 427 currículos (que foram indexados no Lattes pelos próprios pesquisadores) incluindo: ID Lattes; autores; título do artigo; ano de publicação; Digital Object Identifier (DOI); International Standard Serial Number (ISSN); e título da revista. O resultado foi de 11.654 artigos no total.

Foi aplicado um filtro para que apenas os artigos que possuíssem o radical “vegan”, “vegetari” ou “especis” no título fossem analisados. Com o processamento manual dos 10 currículos com erro apresentado na Brapci Tools, o total obtido utilizando estes filtros foi de 127 artigos. Posterior ao tratamento destes dados, 19 duplicatas e uma publicação em blog (sem ISSN) foram excluídas, tendo então como resultado final **107 artigos**.

Ao longo dessa etapa da pesquisa, alguns problemas foram encontrados e contornados. Além do erro na Brapci Tools ao coletar os currículos, no momento de tratar a planilha gerada pela ferramenta, notou-se que a coluna referente ao ID Lattes dos pesquisadores não correspondia com o ID correto destes pesquisadores. Visto que apenas os IDs dos pesquisadores mais produtivos foram necessários para a análise, apenas a busca pelo nome dos autores no Lattes foi suficiente para coletar tais informações e passá-las para o Brapci Tools.

Além disso, foi possível notar que, como as informações contidas nos currículos Lattes são preenchidas pelos próprios pesquisadores, é comum haver omissão de informações importantes (como autoria de um artigo ou ano de publicação) e falta de padronização no preenchimento dos dados (nome completo e abreviado). Como isto acaba afetando a análise dos dados, a solução adotada foi fazer a limpeza e correção manual quando alguma discrepância fosse encontrada. Este procedimento também foi utilizado nos momentos que, havendo a coautoria entre os pesquisadores dos 437 currículos Lattes, os artigos coletados (e filtrados) apresentavam duplicatas.

Faz-se pertinente abrir um parêntese para comentar a solução encontrada para descobrir o tipo de acesso à revista intitulada "Pensata Animal". Utilizando o ISSN Portal, identificou-se um URL associado à referida publicação (<https://www.sentiens.net/>), contudo, ao acessar tal link, percebeu-se se tratar de uma página bem diferente do imaginado (Figura 1), na qual não foram identificadas quaisquer informações referentes à revista "Pensata Animal".

Figura 1 - Captura de tela da atual situação do *site* vinculado a revista "Pensata Animal".



Fonte: www.sentiens.net (2024).

Após fazer uma busca no Google, também não foi possível encontrar qualquer referência a este periódico. Voltando aos dados sobre o artigo que estaria publicado nesta revista, notou-se o ano de publicação como sendo 2008. Diante

disso, recorreu-se ao serviço *on-line* Wayback Machine com o propósito de visualizar o estado do site no ano de 2008, possibilitando, assim, a localização da revista e a determinação de seu tipo de acesso (Figura 2).

Figura 2 - Captura de tela do *site* vinculado a revista "Pensata Animal" no ano de 2008.



Fonte: Wayback Machine (2024).

Na seção que trata dos indicadores referentes aos periódicos na qual os pesquisadores publicaram suas produções, as informações sobre o Qualis, bem como sobre o assunto das revistas, foram extraídas da Plataforma Sucupira. O país de origem de cada periódico foi encontrado no *site* das próprias revistas, no ISSN Portal ou no Journal Citation Reports (JCR) da Clarivate. Já o tipo de acesso pôde ser localizado, também, nas páginas *on-line* de cada revista.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com um *corpus* já definido, analisaram-se indicadores referentes aos autores (autores mais produtivos; afiliação e área de formação dos pesquisadores mais produtivos; e coautoria dos artigos) e indicadores referentes às revistas (título das revistas onde foram publicados os artigos, impacto, nacionalidade, tipo de acesso e assunto das revistas; e ano de publicação dos artigos).

4.1 AUTORES

Nesta subseção, são apresentados e analisados os três indicadores referentes à autoria dos artigos coletados: produtividade, afiliação e coautoria.

4.1.1 Produtividade

Tendo como base os 107 artigos, obteve-se um total de 220 autores, sendo estes tanto da coleta inicial desta pesquisa (feita no Lattes), quanto pesquisadores fora desta coleta. O que significa que parte destes 220 autores podem ou não ser brasileiros, possuir graus diferentes de titulação ou nem mesmo possuir currículo Lattes. Para conhecimento, destes 220 autores, apenas 69 fazem parte da coleta no Lattes, sendo o restante decorrente de coautoria.

Na Tabela 1 observa-se a relação de artigos por autor, indicando por exemplo que, 78,2% dos 220 autores possuem um único artigo publicado sobre veganismo e afins. Enquanto isso, apenas dois pesquisadores possuem sete artigos publicados sobre o tema. Adicionalmente, tem-se que a média de publicações por autor é de 1,4 artigos.

Tabela 1 - Relação do número de artigos pela quantidade de autores.

| Artigos por autor | Quantidade de autores | Quantidade de autores (%) |
|-------------------------|-----------------------|---------------------------|
| 1 | 172 | 78,2 |
| 2 | 26 | 11,8 |
| 3 | 11 | 5 |
| 4 | 4 | 1,8 |
| 5 | 5 | 2,3 |
| 7 | 2 | 0,9 |
| Total de autores | 220 | 100 |

Fonte: dados de pesquisa (2024).

De acordo com Luiz (2006, p. 301-302), a quantificação da produtividade de um pesquisador ou até de uma instituição de pesquisa acaba sendo necessária no âmbito científico, considerando que pode servir como uma forma de avaliar a qualidade acadêmica. É comum que o aspecto produtividade (visto como um tipo de ranqueamento, principalmente para as universidades) tenha grande peso na balança para que um pesquisador ou uma instituição consiga financiamento para suas

pesquisas. Um exemplo próximo da realidade brasileira são as bolsas de produtividade em pesquisa oferecidas pelo CNPq (Luiz, 2006, p. 301-302).

Evidencia-se as limitações existentes neste sistema, dependendo de como é utilizado e levando em consideração os diversos fatores que influenciam a produtividade acadêmica. Diferentes áreas do conhecimento possuem naturalmente graus de produtividade distintos, devido às suas características específicas, o que pode ocasionar investimento desigual por parte das agências financiadoras de pesquisa, a título de exemplo. Entretanto, Luiz deixa claro que nem sempre quantidade é necessariamente equivalente à qualidade, apesar de ser operacionalmente vantajoso como forma de mensuração da mesma (Luiz, 2006, p. 301-311).

Apesar do que foi comentado sobre os 220 pesquisadores, apenas 69 estarem presentes na coleta inicial realizada no Lattes, nota-se que dentre os 11 mais produtivos, somente dois autores não constam nesta coleta inicial (Tabela 2). Este recorte dos autores mais produtivos foi baseado no número de artigos publicados pelo autor. Para este estudo, considera-se mais produtivo o autor com quatro ou mais artigos publicados. Este critério foi adotado por conta do número de autores com mais de três artigos publicados ser alto, se tornando irrelevante de acordo com os objetivos propostos.

Tabela 2 - Autores brasileiros mais produtivos sobre Veganismo.

| Autores | Área de formação | Número de artigos publicados sobre veganismo | Presente na coleta inicial? |
|-------------------------------|---|--|-----------------------------|
| Renata Puppini Zandonadi | (G) Nutrição (M) Nutrição Humana (D) Ciências da Saúde | 7 | Não |
| Shila Minari Hargreaves | (G) Nutrição (M, D) Nutrição Humana | 7 | Sim |
| Daniel Carvalho de Rezende | (G) Engenharia de Produção (M) Administração (D) Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade | 5 | Sim |
| Eduardo Yoshio Nakano | (G, M, D) Estatística | 5 | Não |
| Leon Denis Moreira Filho | (G, M, D) Filosofia | 5 | Sim |
| Ana Cristina Ferreira | (G, M, D) Administração | 5 | Sim |
| Louyse Sulzbach Damázio | (G) Nutrição (M, D) Ciências da Saúde | 5 | Sim |
| Leonardo Xavier da Silva | (G) Ciências Econômicas (M) Economia Rural (D) Economia | 4 | Sim |
| Anelise Daniela Schinaider | (G) Administração (M, D) Agronegócios | 4 | Sim |
| Fabio Alves Gomes de Oliveira | (G) Filosofia (G) Administração (M, D) Filosofia | 4 | Sim |
| Paulo André Niederle | (G) Agronomia (M) Desenvolvimento Rural (D) Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade | 4 | Sim |

Legenda: (G) - Graduação
(M) - Mestrado
(D) - Doutorado

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Pelos dados apresentados na Tabela 2, verifica-se uma certa variação nas áreas de formação dos pesquisadores, sendo Nutrição (5), Administração (4) e Agronomia/Agricultura (4) as mais recorrentes. Tal diversidade de áreas poderia de alguma maneira estar relacionada com o fator interdisciplinar e interseccional do veganismo, permitindo-o de ser abordado por diferentes perspectivas³.

³ Para maior aprofundamento sobre o assunto interseccionalidades do veganismo, recomenda-se o livro "A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana" da autora Carol J. Adams e o capítulo "Intersectional and interdisciplinary approaches to interspecies food justice pedagogies" de Teresa Lloro-Bidart, presente no e-book "Animals in environmental education", de 2019.

Uma revisão sistemática realizada por pesquisadoras espanholas e publicada na revista britânica *Heliyon* analisou 307 artigos sobre veganismo e vegetarianismo em revistas indexadas na Web of Science, abrangendo os anos de 1978 até o final de 2022 (Salehi; Díaz; Redondo, 2023). Os trabalhos examinados envolviam as categorias da Web of Science de psicologia, ciência comportamental, ciências sociais e comportamento do consumidor, ou seja, relacionados a aspectos comportamentais e psicológicos voltados ao veganismo e vegetarianismo.

Nesta revisão, Salehi, Díaz e Redondo (2023) levantam os principais motivos para os acadêmicos acreditarem ser relevante estudar sobre veganismo/vegetarianismo em suas pesquisas, dividindo-se em dois grupos: motivos centrais e motivos periféricos. O Quadro 1 demonstra com melhor detalhamento tais motivações. Interessantemente, o estudo apontou que a maior motivação apresentada foi preocupações com a saúde, existente em 83% dos 307 artigos.

Quadro 1 - Porque veganismo e vegetarianismo são considerados importantes para se estudar.

| | | |
|----------------------------|-------------------------------|---|
| Motivos Centrais | Saúde | <ul style="list-style-type: none"> - Redução no risco de doenças (como câncer e diabetes) - Auxílio no bem-estar - Satisfação com a vida - Deficiências nutricionais - Riscos com saúde mental |
| | Meio ambiente | <ul style="list-style-type: none"> - Redução da emissão dos gases do efeito estufa - Diminuição da degradação do solo - Redução da poluição do ar e da água |
| | Animais | <ul style="list-style-type: none"> - Proteção dos animais do sofrimento - Omissão do abate de animais |
| Motivos Periféricos | Cultura | <ul style="list-style-type: none"> - Influência de pessoas importantes - Contexto cultural |
| | Sensorial ou emocional | <ul style="list-style-type: none"> - Prazer ou diversão - Preferências sensoriais (como gosto, sabor, cheiro etc.) |
| | Financeiro e econômico | <ul style="list-style-type: none"> - Acessibilidade financeira de produtos veganos e vegetarianos - Redução de despesas |
| | Crença | <ul style="list-style-type: none"> - Religião e espiritualidade |
| | Justiça e fome mundial | <ul style="list-style-type: none"> - Solucionar o problema da fome mundial |
| | Política | <ul style="list-style-type: none"> - Ativismo dos direitos dos animais - Direito das mulheres - Convicções liberais |

Fonte: Adaptado de Salehi, Díaz e Redondo (2023, p. 10, tradução nossa).

4.1.2 Afiliação

Para este estudo, optou-se por analisar apenas a afiliação dos autores mais produtivos, e não dos 220 autores. Ademais, os dados apresentados no Quadro 2 foram também extraídos com o auxílio da Brapci Tools, por meio do ID Lattes dos 11 pesquisadores. Dois dos autores não possuem tal informação preenchida na planilha gerada pela ferramenta, sendo assim, foi efetuada uma coleta manual em ambos os currículos.

Quadro 2 - Afiliação dos autores mais produtivos, por ordem de produtividade.

| Autores | Instituição | Estado |
|-------------------------------|---|---------------|
| Renata Puppini Zandonadi | Universidade de Brasília | DF |
| Shila Minari Hargreaves | Universidade de Brasília | DF |
| Daniel Carvalho de Rezende | Universidade Federal de Lavras | MG |
| Eduardo Yoshio Nakano | Universidade de Brasília | DF |
| Leon Denis Moreira Filho | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2022) | RJ |
| Ana Cristina Ferreira | Universidade Federal de Viçosa | MG |
| Louyse Sulzbach Damázio | Universidade do Extremo Sul Catarinense | SC |
| Leonardo Xavier da Silva | Universidade Federal do Rio Grande do Sul | RS |
| Anelise Daniela Schinaider | Instituto Federal do Ceará | CE |
| Fabio Alves Gomes de Oliveira | Universidade Federal Fluminense | RJ |
| Paulo André Niederle | Universidade Federal do Rio Grande do Sul | RS |

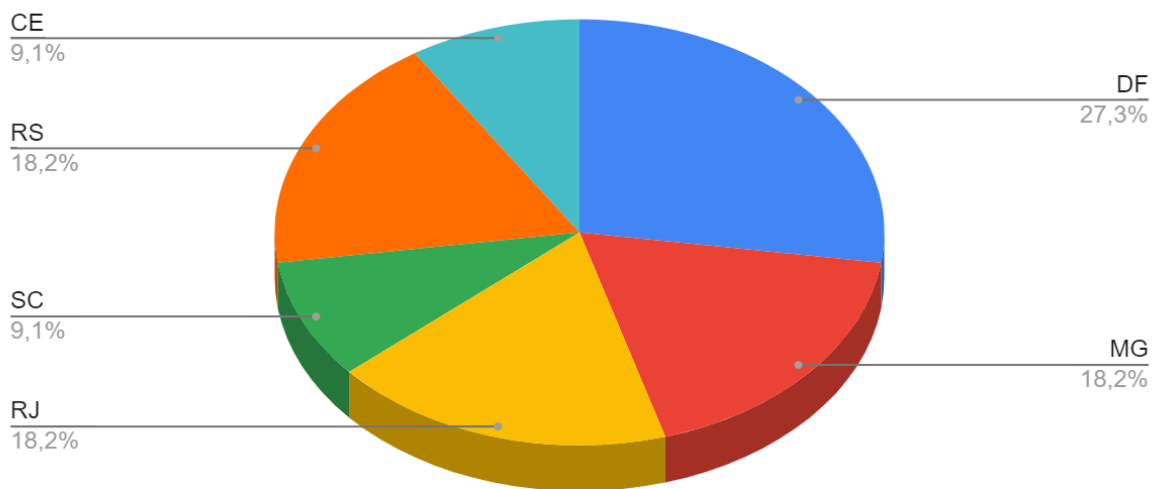
Fonte: dados de pesquisa (2024).

Identificou-se que os dados de afiliação são extraídos pela Brapci Tools por meio do campo “Endereço profissional” preenchido pelo pesquisador, e que estes dois pesquisadores não possuem esta informação em seus currículos. Portanto, nestes casos, foi analisado o campo “Atuação Profissional”, na qual um dos autores (Leon Denis Moreira Filho) não possui vínculo institucional desde 2023.

Por meio dos dados levantados, nota-se que a afiliação institucional de todos os 11 autores se refere a organizações públicas (universidades ou instituto), sendo apenas uma (Universidade do Extremo Sul Catarinense) se caracterizando como comunitária e não federal, como as outras.

O Gráfico 1 apresenta a distribuição por estados brasileiros dos autores supracitados. É observado que quatro possuem sua afiliação na Região Sudeste (RJ e MG), três na Região Sul (RS e SC), três no Centro-Oeste e apenas um no Nordeste. Não há nenhum autor prolífico, seguindo a metodologia deste trabalho, com vínculo no Norte do país.

Gráfico 1 - Afiliação dos pesquisadores mais produtivos - Estados brasileiros.



Fonte: dados de pesquisa (2024).

4.1.3 Coautoria

Para o indicador de coautoria, foi realizado um levantamento da quantidade de coautores presentes em cada um dos 107 artigos. Em resumo, a Tabela 3 indica, por exemplo, que 34 dos 107 artigos possuem autoria única, enquanto 16 artigos possuem três coautores. Ainda, com base nos dados apontados, foi possível chegar ao resultado de que a média de autores por artigo é de 2,9 coautores.

Tabela 3 – Relação da quantidade de (co)autores por artigo.

| Número de coautores por artigo | Artigos | Artigos (%) | Artigos (% acumulado) |
|--------------------------------|------------|-------------|-----------------------|
| 1 | 34 | 31,8 | 31,8 |
| 2 | 24 | 22,4 | 54,2 |
| 3 | 16 | 14,9 | 69,1 |
| 4 | 14 | 13,1 | 82,2 |
| 5 | 5 | 4,7 | 86,9 |
| 6 | 6 | 5,6 | 92,5 |
| 7 | 5 | 4,7 | 97,2 |
| 9 | 1 | 0,9 | 98,1 |
| 10 | 2 | 1,9 | 100 |
| Total de artigos | 107 | 100 | |

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Entende-se que a colaboração científica pode ser considerada como “[...] uma estratégia de trabalho adotada por pesquisadores para viabilizar, facilitar e potencializar a realização de pesquisas científicas.” (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018) e que o esforço da produção do conhecimento científico, quando compartilhado, resulta em economia de tempo e recursos financeiros e materiais, incentivando, portanto, o apoio de agências financiadoras (Maia; Caregnato, 2008).

Uma pesquisa colaborativa envolve diferentes níveis de contribuição e participação em sua produção, sendo a coautoria o resultado de uma colaboração significativa entre os cientistas, implicando em interações entre os pesquisadores na realização de atividades científicas por meio de ações coletivas não obrigatoriamente ligadas a escrita real do estudo (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018).

Pode-se dizer que este recorte de produções sobre veganismo no Brasil não possuem ocorrências significativas de hiperautoria. Com isso, ao verificar os três artigos com mais autores (entre nove e dez coautores), descobriu-se que eles foram publicados em inglês e em revistas internacionais (Sports Medicine, International Journal of Food Science and Technology e Jama Network Open) estando dois presentes no reconhecido buscador de informação em saúde, o PubMed.

4.2 REVISTAS

No caso das revistas, foram analisados o número de artigos publicados por título, o seu impacto por meio do Qualis do quadriênio 2017-2020, o tipo de acesso, a origem e as áreas de cada revista.

4.2.1 Título, impacto, acesso e origem das revistas

No total, 82 revistas foram levantadas, porém uma delas não foi encontrada (International Journal of Agriculture, Environment and Bioscience), seja pelo ISSN indicado nos dados coletados do Lattes, ou pelo próprio título do periódico. Embora tenha sido identificada uma revista cujo título assemelha-se de maneira quase idêntica à mencionada (International Journal of Agriculture, Environment and Bioresearch), verifica-se que, ao efetuar uma busca no portal *on-line* do periódico, não foi possível localizar o artigo que estaria presente no primeiro título mencionado.

O Quadro 3 apresenta as informações sobre os títulos das revistas, a quantidade de artigos por título, o Qualis da revista (quadriênio 2017-2021), o tipo de acesso e o seu país de origem. Destacam-se as revistas Plos One, de grande reconhecimento científico internacional, e Folha de Rostó, por ser da área deste estudo (Ciência da Informação).

Quadro 3 – Principais informações sobre as revistas onde foram publicados os artigos brasileiros sobre veganismo.

| Título das revistas | Número de artigos | Qualis 2017-2021 | Acesso | País |
|--|-------------------|------------------|----------|--------|
| Revista Brasileira de Direito Animal | 7 | A3 | Aberto | Brasil |
| Pensata Animal | 4 | N/A | Aberto | Brasil |
| Nutrients | 3 | A1 | Aberto | Suíça |
| Estudos Sociedade e Agricultura | 3 | A4 | Aberto | Brasil |
| Brazilian Journal of Development | 3 | C | Aberto | Brasil |
| Revista Estudos Feministas | 3 | A1 | Aberto | Brasil |
| Revista de Administração da UNIMEP | 2 | A4 | Aberto | Brasil |
| Revista Contexto & Saúde | 2 | A4 | Aberto | Brasil |
| Revista Ciências Sociais Unisinos | 2 | A3 | Aberto | Brasil |
| REVAN Revista do Ambiente de Niterói | 2 | B4 | Aberto | Brasil |
| RAMA: Revista em Agronegócio e Meio Ambiente | 2 | A4 | Aberto | Brasil |
| PROJETICA | 2 | A2 | Aberto | Brasil |
| Higiene Alimentar | 2 | B4 | Aberto | Brasil |
| Filosofia (São Paulo) | 2 | C | Restrito | Brasil |
| Vivência: Revista de Antropologia | 1 | A2 | Aberto | Brasil |

| | | | | |
|--|---|-----|--------|----------------|
| Sports Medicine | 1 | A1 | Aberto | Nova Zelândia |
| RIMAR | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Revista UNINGÁ Review | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista Saúde em Foco | 1 | C | Aberto | Brasil |
| Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo | 1 | B2 | Aberto | Brasil |
| Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales | 1 | A3 | Aberto | Argentina |
| Revista Ingesta | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista Hospitalidade | 1 | A4 | Aberto | Brasil |
| Revista Folha de Rosto | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista Estácio Saúde | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista do Centro de Pesquisa e Formação | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista Diversitas | 1 | A2 | Aberto | Brasil |
| Revista de Negócios | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Revista de Divulgação Científica Sena Aires | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Revista de Biodireito e Direito dos Animais | 1 | N/A | Aberto | Brasil |
| Revista de Alimentação e Cultura das Américas | 1 | N/A | Aberto | Brasil |
| Revista Cenário | 1 | B2 | Aberto | Brasil |
| Revista Brasileira de Gestão e Engenharia | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício | 1 | B2 | Aberto | Brasil |
| Revista Antropológicas | 1 | A2 | Aberto | Brasil |
| Research, Society and Development | 1 | C | Aberto | Brasil |
| RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção | 1 | A4 | Aberto | Brasil |
| Polis e Psique | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Plos One | 1 | A1 | Aberto | Estados Unidos |
| Philosophica | 1 | A3 | Aberto | Portugal |
| Observatorio de la Economía Latinoamericana | 1 | A4 | Aberto | Brasil |

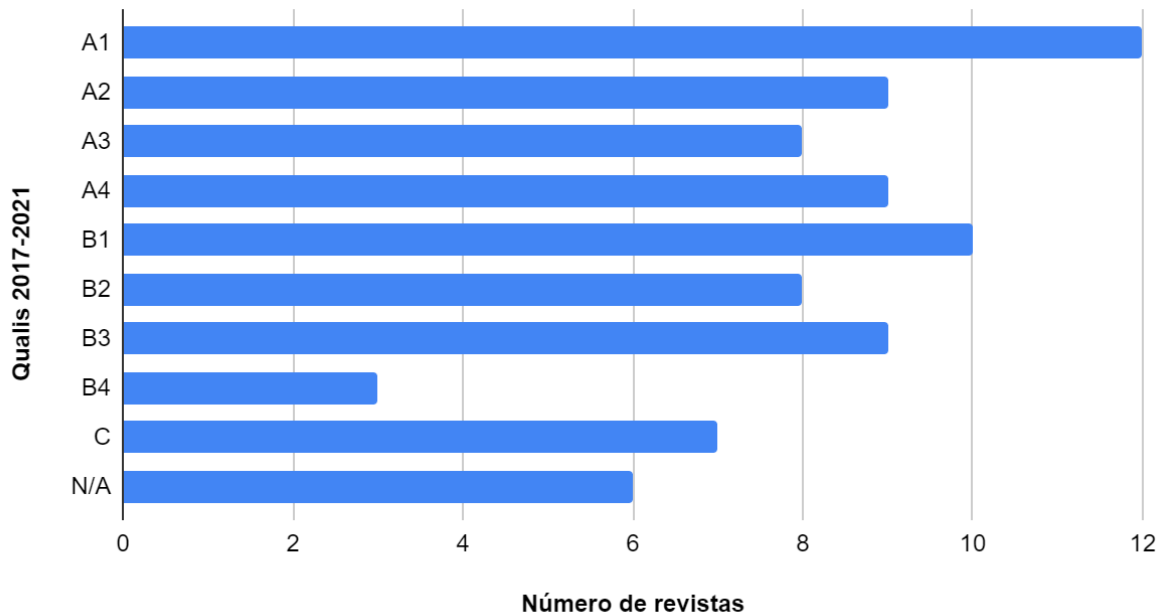
| | | | | |
|---|---|----------------|----------------|----------------|
| Nutrição Brasil | 1 | B2 | Restrito | Brasil |
| Nucleus | 1 | B4 | Aberto | Brasil |
| Mnemosine | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Mix Sustentável | 1 | A3 | Aberto | Brasil |
| Mare Nostrum | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Linhas Críticas | 1 | A2 | Aberto | Brasil |
| Liinc em Revista | 1 | A3 | Aberto | Brasil |
| Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics | 1 | A1 | Híbrido | Países Baixos |
| Journal of Rural Studies | 1 | A1 | Híbrido | Reino Unido |
| Journal of Food Science | 1 | A3 | Híbrido | Estados Unidos |
| Jama Network Open | 1 | A1 | Aberto | Estados Unidos |
| INTERthesis | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| International Journal of Food Science and Technology | 1 | A2 | Híbrido | Reino Unido |
| International Journal of Environmental Research and Public Health | 1 | A1 | Aberto | Suíça |
| International Journal of Development Research | 1 | C | Aberto | Turquia |
| International Journal of Agriculture, Environment and Bioscience | 1 | Não localizada | Não localizada | Não localizada |
| Integrative Food, Nutrition and Metabolism | 1 | C | Aberto | Reino Unido |
| Inova Saúde | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Informativo Migalhas | 1 | N/A | Aberto | Brasil |
| GVcasos - Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração | 1 | B3 | Aberto | Brasil |
| Fundamental & Clinical Pharmacology | 1 | A3 | Híbrido | Inglaterra |
| Food Research International | 1 | A1 | Híbrido | Estados Unidos |
| European Journal of Nutrition | 1 | A1 | Híbrido | Alemanha |
| Ethic@ | 1 | A2 | Aberto | Brasil |
| Estudos Ibero-Americanos | 1 | A2 | Aberto | Brasil |
| Educação Ambiental em Ação | 1 | N/A | Aberto | Brasil |
| Desenvolvimento e Meio Ambiente | 1 | B2 | Aberto | Brasil |

| | | | | |
|--|------------|-----|---------|------------|
| DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde | 1 | B2 | Aberto | Brasil |
| CULTUR: Revista de Cultura e Turismo | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Cuidarte. Enfermagem | 1 | B2 | Aberto | Brasil |
| Contemporanea | 1 | A4 | Aberto | Brasil |
| Consumer Behavior Review | 1 | B2 | Aberto | Brasil |
| CONFLUÊNCIAS: Revista interdisciplinar de sociologia e direito | 1 | A4 | Aberto | Brasil |
| CAOS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| Cadernos de Agroecologia | 1 | B1 | Aberto | Brasil |
| British Journal of Nutrition | 1 | A1 | Híbrido | Inglaterra |
| Anthropology of food | 1 | A2 | Aberto | França |
| Animales y Sociedad | 1 | N/A | Aberto | Colômbia |
| Alimentos: Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente | 1 | C | Aberto | Brasil |
| ALFA: Revista de Linguística | 1 | A1 | Aberto | Brasil |
| Total | 107 | - | - | - |

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Nota-se que, nos casos em que aparece a designação "N/A" na coluna correspondente ao Qualis, em grande parte das ocorrências se trata da não avaliação da revista no quadriênio 2017-2021, contudo, tal avaliação foi eventualmente realizada em alguma das classificações anteriores (quadriênio 2013-2016 ou triênio 2010-2012).

Vale ressaltar que, para que um periódico científico seja classificado pelo Qualis, é necessário que o mesmo tenha recebido pelo menos uma produção dos alunos ou professores integrantes dos programas de pós-graduação brasileiros no ano-base (período de avaliação). Tal informação deve ser inserida na plataforma Sucupira para ser reconhecida (Barata, 2016; Brasil, 2023b).

Gráfico 2 - Qualis das revistas.

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Por meio dos dados apresentados no Gráfico 2, verifica-se que 14,8% das revistas escolhidas pelos pesquisadores para publicar seus artigos sobre veganismo possuem Qualis A1, ou seja, o mais elevado Qualis deste quadriênio, e que apenas 3,7% revistas constam com a classificação mais baixa (B4). Da mesma forma, seis revistas (7,4%) não participaram da classificação do quadriênio mais recente e sete (8,6%) periódicos contam com a classificação C. Tendo estes dados como base, percebe-se uma distribuição relativamente regular das revistas nos estratos do quadriênio 2017-2021.

Como já mencionado no Referencial teórico, o Qualis Periódico serve como uma ferramenta para avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros, impactando diretamente a nota que esses programas recebem da CAPES. Perez (2020) salienta que quando um programa consegue ser melhor avaliado ao receber uma nota mais alta, é concedido maior repasse de recursos para o programa. Todavia, ao receber uma nota baixa, o programa é prejudicado de maneira que pode acabar sendo dissolvido, comprometendo os futuros pesquisadores da área afetada.

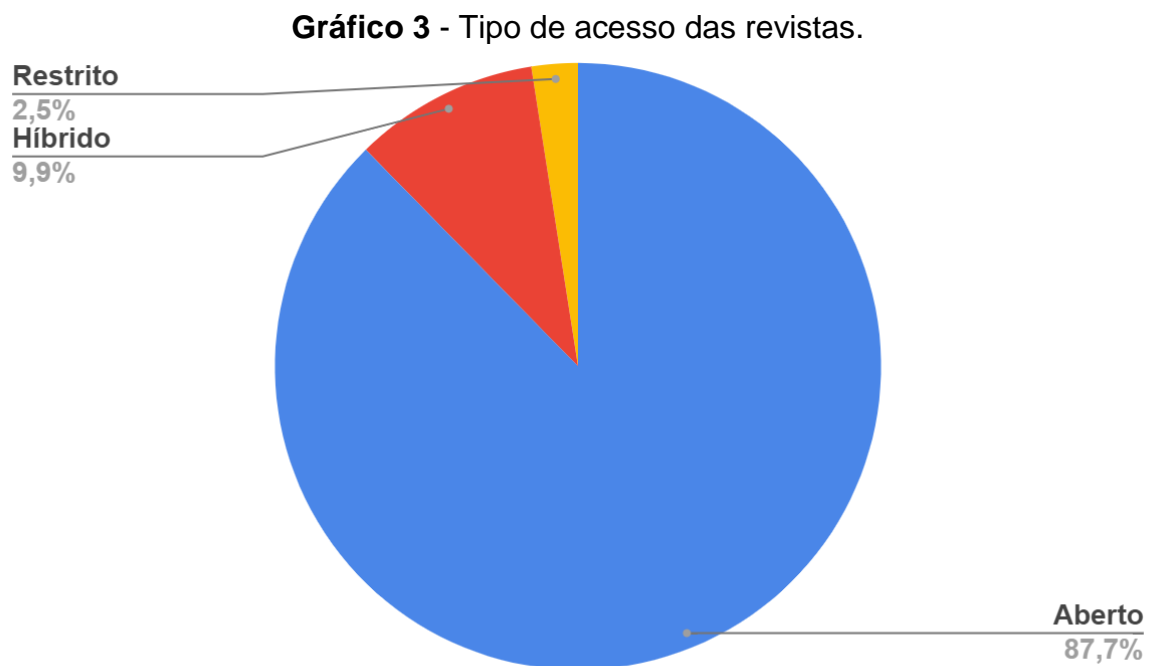
Perez complementa, afirmando que

Embora o sistema Qualis não classifique a produção individual, a carreira do pesquisador é influenciada por ele. **Os pesquisadores com produção em**

periódicos mais bem qualificados têm mais chances de obter bolsas de pesquisas e, com isso, de consolidar sua carreira. Logo, o Qualis exerce uma influência decisiva sobre os programas de pós-graduação, a carreira dos pesquisadores e a própria possibilidade de desenvolvimento de determinada região. (Perez, 2020, p. 4, grifo nosso).

Sendo assim, é possível compreender que, apesar de haver muitas críticas na literatura científica brasileira por parte dos estudiosos envolvendo as metodologias adotadas pelo Qualis e suas implicações na produção nacional, este ainda é um sistema de grande importância para o cenário brasileiro de pesquisa, devendo então ser aperfeiçoado e adaptado conforme as mudanças decorrentes da evolução natural do fazer científico.

Tratando sobre o tipo de acesso dos periódicos coletados, constata-se que de 81 revistas consideradas para análise, 71 estão em acesso aberto, oito possuem acesso híbrido e apenas dois títulos são de acesso restrito (Gráfico 3). Em situações de revistas com acesso híbrido, ocorre quando o periódico oferece aos autores a opção de publicar seus artigos em acesso aberto mediante o pagamento de uma taxa de processamento de artigos (Article Processing Charges ou simplesmente APC) estabelecida pela própria revista (Príncipe, 2019). Já as revistas restritas tratam-se de casos em que é necessária uma assinatura ou compra única, do capítulo ou do fascículo, para consultar as publicações.



Fonte: dados de pesquisa (2024).

Ao coletar as informações sobre os tipos de acesso das revistas em seus próprios *websites*, foi possível observar que, em sua extensa maioria, os títulos brasileiros publicados no meio digital utilizam o software Open Journal Systems (OJS) para administrar suas publicações. Este fator acaba por coincidir com o alto volume de revistas em acesso aberto demonstrado no Gráfico 3.

O OJS é um software utilizado para criar e gerenciar publicações em meio eletrônico, trazendo automação para as atividades que envolvem a editoração das revistas científicas (Vanz; Silva Filho, 2019). No Brasil, a disseminação deste software por meio da tradução e customização feita pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) no início dos anos 2000 foi fundamental para o estabelecimento do acesso aberto no país (Blattmann; Santos, 2014; Vanz; Silva Filho, 2019).

Nota-se que nenhuma das revistas brasileiras presentes na coleta possui acesso híbrido e nem adotam o modelo de negócio de APC. Estes dados apresentam semelhança com os resultados obtidos na pesquisa realizada por Príncipe (2019), que identificou todos os periódicos brasileiros e portugueses registrados no internacionalmente reconhecido Directory of Open Access Journals (DOAJ), que utilizariam o APC como modelo de negócios. Neste estudo, a autora identificou que, de 1.342 títulos brasileiros, apenas 86 cobravam APCs. Enquanto isso, das 3.407 revistas presentes no DOAJ que cobravam APCs, a maioria possuía origem do Reino Unido (1.215), Indonésia (384) ou Estados Unidos (268), o que também converge com os dados encontrados no trabalho aqui elaborado, sendo das oito revistas híbridas, cinco com origem britânica, duas estadunidenses e uma alemã.

Considerando as informações sobre a afiliação institucional dos autores mais produtivos (subseção 3.2.1.2), possuindo todos vínculo com instituições **públicas** brasileiras, é relevante ressaltar a importância do acesso aberto para além da quebra de barreiras para acesso à informação científica. Faz-se necessário perceber que “[...] os resultados de pesquisas financiadas com recursos públicos devem também estar acessíveis à comunidade, de modo gratuito e sem restrição.” (Príncipe, 2019, p. 48) servindo esta como uma forma de prestar contas para a sociedade, que de alguma maneira contribuiu para que tais estudos fossem realizados.

Para acadêmicos brasileiros, ter seus estudos presentes em periódicos científicos estrangeiros e de boa qualidade ou alto impacto pode representar um grande desafio. A barreira do idioma é considerada um exemplo, visto que muitas destas revistas possuem como requisito obrigatório ter o artigo redigido por completo em língua inglesa e com erros ortográficos nulos ou insignificantes. Fator que não surpreende, tendo em mente que, para a internacionalização da pesquisa e do fazer científico, o inglês é considerado primordial. Como confirmam as autoras,

O uso desse idioma tem influência direta na internacionalização das publicações e reforça a hipótese de que existe uma relação clara entre o uso do idioma inglês na produção científica e sua **visibilidade** nas instâncias globais. O uso do inglês não é essencial apenas aos artigos publicados em periódicos estrangeiros, mas também aos periódicos brasileiros que pretendem obter **alcance internacional**. (Santin; Vanz; Stumpf, 2016, p. 90, grifo nosso).

Volpato e Freitas (2003) entretanto levantam que a maior dificuldade enfrentada pelos pesquisadores brasileiros ao buscarem publicar em periódicos de alta qualidade internacional não reside tanto na língua inglesa, mas sim na equivocada estruturação do artigo e na ausência de um estilo científico adequado. Ao mesmo tempo, os autores complementam tal ideia ao afirmar que “De nada vale um texto bem estruturado em seu conteúdo e formas gráficas, se a redação das frases é precária.” (Volpato; Freitas, 2003, p. 53).

De fato, a rigorosidade nas avaliações por parte do corpo editorial de revistas internacionais de alto impacto científico é outro elemento que pode ser considerado como empecilho para muitos pesquisadores brasileiros. Frequentemente, são estas as revistas que possuem índices elevados de rejeição e um longo e severo processo de avaliação, além das altas taxas de competitividade (Serra; Ferreira; Fiates, 2008).

Outro desafio que cientistas do Brasil acabam enfrentando e que merece ser comentado é a cobrança das já mencionadas taxas APCs (Silva Filho; Vanz, 2019). De acordo com Dias *et al.* (2023), os custos de processamento de artigo variam conforme a disciplina, a editora e o periódico, geralmente aumentando em correlação com o impacto da revista na sua respectiva área. Dessa maneira, é natural inferir que, quanto maior o impacto do periódico, maior a taxa APC que será cobrada. Com isso, caso o pesquisador não tenha aporte por parte das agências de

fomento a pesquisa, será necessário que o próprio custeie o pagamento das APCs (Nassi-Calò, 2016).

Na Tabela 4 são apresentados os dados referente a origem das revistas onde os artigos sobre veganismo foram publicados.

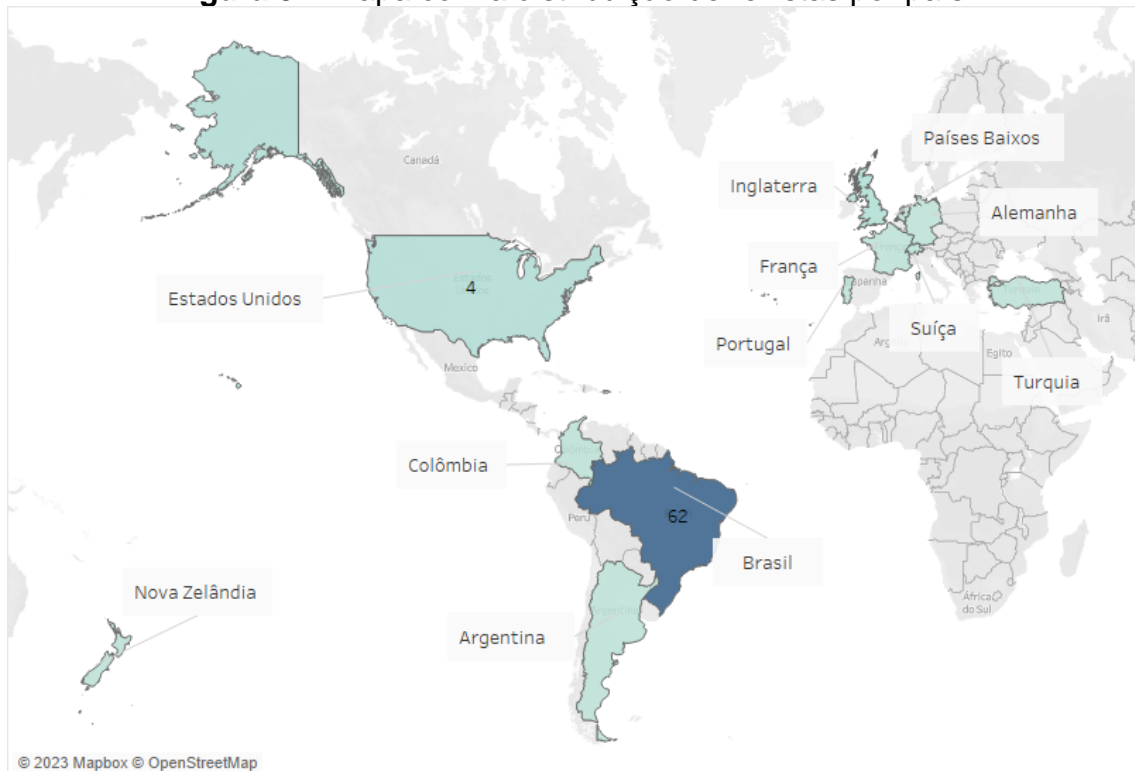
Tabela 4 – País de origem das revistas.

| País | Número de revistas |
|----------------|--------------------|
| Brasil | 62 |
| Estados Unidos | 4 |
| Reino Unido | 3 |
| Suíça | 2 |
| Inglaterra | 2 |
| Turquia | 1 |
| Portugal | 1 |
| Países Baixos | 1 |
| Nova Zelândia | 1 |
| França | 1 |
| Colômbia | 1 |
| Argentina | 1 |
| Alemanha | 1 |
| Total | 81 |

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Ao examinar estes dados, tem-se que 76,5% dos artigos sobre veganismo produzidos por pesquisadores brasileiros foram veiculados em revistas nacionais, enquanto os restantes 23,5% foram publicados em revistas internacionais. Utilizando de uma perspectiva continental, 11 periódicos são originários da Europa (12 ao considerar a Turquia), quatro são da América do Norte (com ocorrência apenas dos Estados Unidos), dois são de origem latina não brasileira, um da Oceania e um da Ásia (tendo em mente a Turquia como sendo um país transcontinental). Na Figura 3 é retratado um mapa para visualização adicional.

Figura 3 – Mapa com a distribuição de revistas por país.



Fonte: dados de pesquisa (2024).

Observou-se também que algumas revistas brasileiras oriundas da coleta são publicadas inteiramente em inglês, enquanto outras são bilíngues (inglês e português). Correlacionando com o tipo de acesso, evidencia-se que das 62 revistas brasileiras, 60 são em acesso aberto, visto que as duas revistas de acesso restrito são brasileiras e as oito de acesso híbrido são estrangeiras.

Com isso, tendo como base as informações apresentadas, pode-se afirmar que ainda é singela a internacionalização da pesquisa sobre veganismo no contexto brasileiro. Questiona-se, porém, se os pesquisadores possuem certa preferência por publicar seus artigos em periódicos do Brasil, ou ainda, se as dificuldades mencionadas anteriormente os impelem a manter suas produções contidas no país.

4.2.2 Área das revistas

Ao consultar a Plataforma Sucupira e procurar pelo Qualis de uma revista, é possível identificar todas as áreas nas quais tal revista foi avaliada no quadriênio desejado. Com isso, o Quadro 4 demonstra todas as áreas encontradas ao procurar

pelos títulos das revistas presentes no Quadro 3 da seção 3.2.2.1, e quantas dessas revistas foram indexadas em cada área da CAPES.

Quadro 4 – Áreas CAPES de avaliação das revistas.

| Áreas de avaliação | Ocorrências |
|---|-------------|
| INTERDISCIPLINAR | 71 |
| EDUCAÇÃO | 45 |
| ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO | 44 |
| SAÚDE COLETIVA | 42 |
| CIÊNCIAS AMBIENTAIS | 40 |
| SOCIOLOGIA | 35 |
| ENSINO | 30 |
| PSICOLOGIA | 29 |
| MEDICINA | 29 |
| ENGENHARIAS | 29 |
| COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO | 29 |
| CIÊNCIAS AGRÁRIAS | 29 |
| PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / DEMOGRAFIA | 26 |
| CIÊNCIAS BIOLÓGICAS | 26 |
| MEDICINA VETERINÁRIA | 25 |
| EDUCAÇÃO FÍSICA | 25 |
| HISTÓRIA | 24 |
| CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS | 24 |
| BIOTECNOLOGIA | 24 |
| ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA | 23 |
| ECONOMIA | 22 |
| DIREITO | 22 |
| CIÊNCIA DE ALIMENTOS | 22 |
| LINGUÍSTICA E LITERATURA | 20 |
| NUTRIÇÃO | 19 |
| GEOGRAFIA | 19 |
| ENFERMAGEM | 19 |
| BIODIVERSIDADE | 19 |

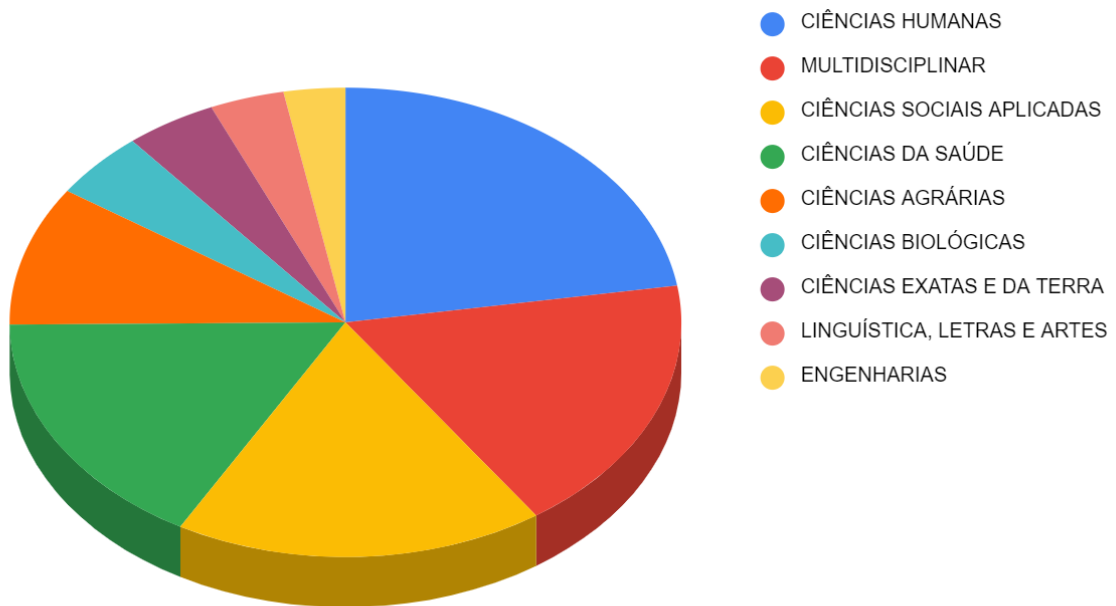
| | |
|--|----|
| ZOOTECNIA / RECURSOS PESQUEIROS | 18 |
| SERVIÇO SOCIAL | 18 |
| FARMÁCIA | 18 |
| QUÍMICA | 15 |
| ARTES | 15 |
| FILOSOFIA | 13 |
| ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN | 13 |
| ODONTOLOGIA | 11 |
| MATERIAIS | 10 |
| MATEMÁTICA / PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA | 8 |
| CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA | 8 |
| CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO | 8 |
| ASTRONOMIA / FÍSICA | 8 |
| GEOCIÊNCIAS | 4 |

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Observa-se que em 94,7% das 75 revistas avaliadas no quadriênio 2017-2020, a área Interdisciplinar está presente. Ao mesmo tempo, a área que menos aparece é a de Geociências, com apenas quatro ocorrências (5,3%). Faz-se relevante destacar que um único título pode ser avaliado em mais de uma área do Qualis ao mesmo tempo. Sendo assim, para este estudo, foi feita uma sobreposição das áreas, não considerando apenas uma área do conhecimento por periódico. É preciso mencionar, porém, que existe uma “área-mãe” vinculada a cada revista avaliada pelo Qualis, atribuída de acordo com a área que a revista possuir maior uso (Brasil, 2023b) Todavia, pelo desconhecimento da autora sobre esta classificação única até pouco tempo antes da entrega deste trabalho, este fator não foi considerado na análise.

Acima das 50 áreas do conhecimento utilizadas na avaliação das revistas, existem dois níveis de classificação. O primeiro nível (mais geral), denominado “Colégios”, engloba: Colégio de Ciências da Vida; Colégio de Humanidades; e Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar. Já no segundo nível estão presentes as “Grandes Áreas” (Brasil 2023c). O Gráfico 4 consta com a distribuição destas Grandes Áreas de acordo com o agrupamento das áreas exibidas no Quadro 4.

Gráfico 4 – Relação das grandes áreas CAPES presentes nas revistas.

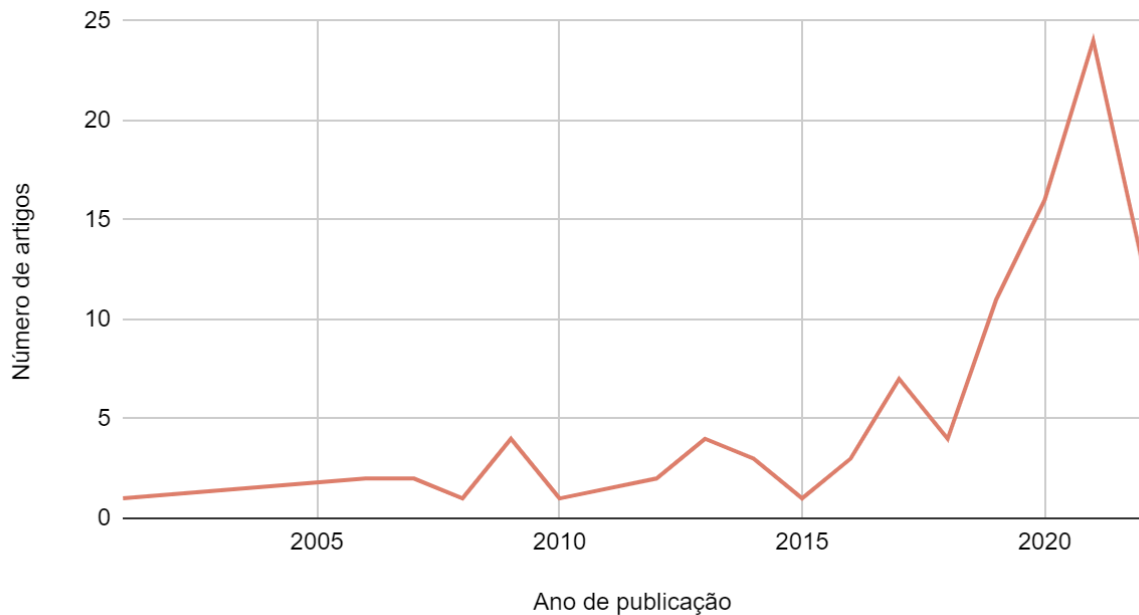


Fonte: dados de pesquisa (2024).

Por meio de tal agrupamento, visualiza-se que as Ciências Humanas é a Grande Área mais recorrente na avaliação das revistas, aparecendo 220 vezes, seguida pela Multidisciplinar (175), Ciências Sociais Aplicadas (174), Ciências da Saúde (163), Ciências Agrárias (94), Ciências Biológicas (45), Ciências Exatas e da Terra (43), Linguística, Letras e Artes (35) e Engenharias (29).

4.3 ANO DE PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS

Este indicador trata do ano de publicação de 99 dos 107 artigos, demonstrando a relação entre número de artigos por ano. Pela coleta ter sido realizada em outubro de 2023, decidiu-se excluir da análise deste indicador os artigos publicados em 2023 até a data da coleta, visto que, como o ano ainda não havia acabado, o resultado poderia sofrer alterações.

Gráfico 5 - Número de artigos por ano de publicação.

Fonte: dados de pesquisa (2024).

Pelo Gráfico 5, consegue-se notar que o ano com mais produções foi 2021, sendo 2001 o ano mais antigo registrado. Tendo em mente o estado de pandemia de Covid-19 que o mundo passou entre os anos de 2020 e 2022, esta poderia ser uma possível hipótese para o ápice de produções que se visualiza no Gráfico 5 no ano de 2021, pois sabe-se que as áreas ligadas à saúde foram as mais impactadas no quesito produtividade neste período. De acordo com uma pesquisa da PubMed realizada em 2021, houve um aumento de pelo menos 10% de publicações indexadas em sua base em 2020, se comparado ao ano anterior, totalizando mais de 1,64 milhão de publicações (Sloane; Zimmerman, 2021). Todavia, nota-se que as áreas voltadas para as ciências sociais aplicadas e ciências humanas também obtiveram uma considerável e importante concentração de pesquisas envolvendo a Covid-19 (Andrade; Righetti; Gamba, 2021).

Acredita-se que pelo veganismo estar ganhando maior visibilidade e adesão global ao longo do período, principalmente com a popularização das redes sociais, esta poderia ser uma justificativa para que tenha ocorrido crescimento na produção científica sobre o assunto, apesar da inconstância. Contudo, um estudo realizado por Mourão (2022) demonstrou que entre os anos de 2020 e 2021, a produção de artigos científicos em diversas áreas (não apenas vinculadas à saúde) aumentou

substancialmente ou, pelo menos, manteve-se em sua tendência de crescimento (relativo ao período de 2010 a 2019).

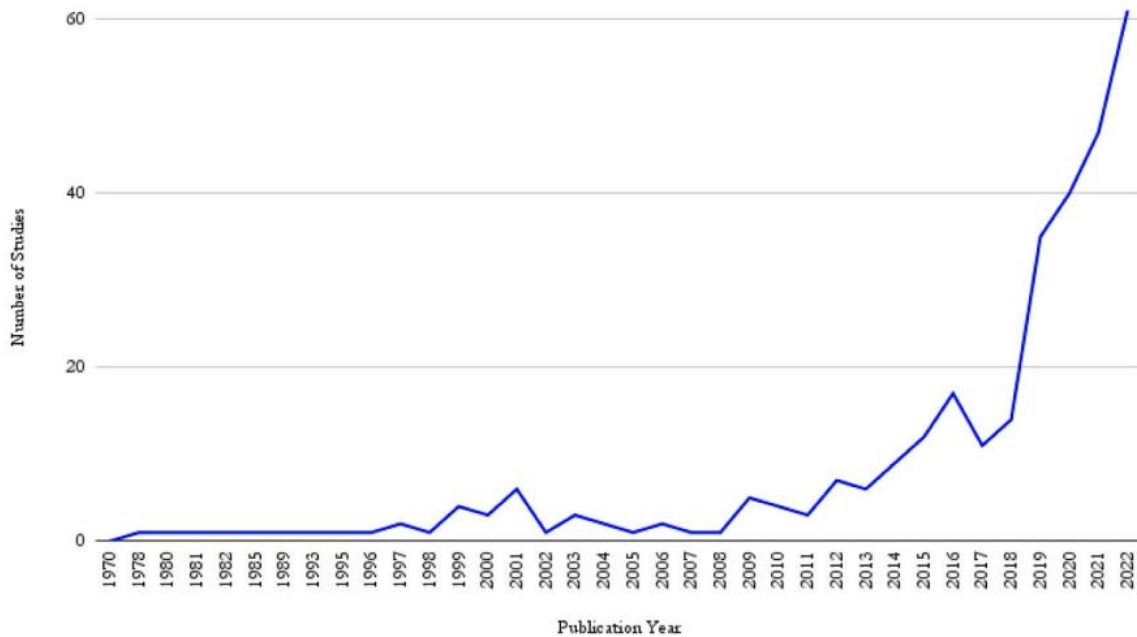
Contribuindo com esta pesquisa, Andrade, Righetti e Gamba (2021) mencionam como a pandemia de Covid-19 modificou a sociedade de diversas maneiras, não sendo diferente com o setor científico. Este inclusive

[...] que se voltou à pandemia, em várias áreas do conhecimento, em uma junção sem precedentes de esforços entre cientistas para entender com o que estavam lidando e como enfrentar esse desafio da melhor maneira possível. [...] Passou-se, então, a observar um aumento evidente na produção científica sobre as causas, características e impactos da Covid-19 em todas as esferas do conhecimento. (Andrade; Righetti; Gamba (2021, p. 1).

Naturalmente, em muitos países houve um crescimento no incentivo (principalmente no financiamento às pesquisas) para a produção científica nos campos da saúde. Não se sabe com exatidão quantos artigos coletados para este trabalho fazem parte da área da saúde, entretanto, foi identificado pelo menos um artigo que relaciona os temas pandemia de Covid-19 e veganismo, justamente publicado no ano de 2021.

É relevante mencionar novamente a revisão sistemática de Salehi, Díaz e Redondo (2023). Os dados obtidos pelas autoras referentes aos anos de publicação dos 307 estudos analisados por elas (Gráfico 6) coincidem com as informações sobre os anos de publicação dos artigos presentes nos currículos Lattes dos autores brasileiros sobre o mesmo assunto. Vale destacar que a principal discrepância entre os gráficos 5 e 6 reside no fato de que, enquanto no cenário brasileiro houve uma redução na produção no ano de 2022, no contexto global, o tema demonstra um crescimento constante.

Gráfico 6 - Quantidade de estudos sobre veganismo e vegetarianismo publicados no mundo, de 1978 a dezembro de 2022.



Fonte: Salehi; Díaz; Redondo, 2023, p. 5

As autoras constataram que o maior crescimento ocorreu em 2019, quando o número de estudos dobrou de 14 (2018) para 35 (2019). Houve uma ascensão constante até 2021, alcançando 61 produções no ano de 2022. A pesquisa realizada por elas pôde confirmar que o interesse dos cientistas pelo estudo do veganismo e do vegetarianismo tem crescido mundialmente, especialmente ao longo da última década, havendo um crescimento exponencial nos últimos anos (Salehi; Díaz; Redondo, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou caracterizar a produção científica sobre veganismo no Brasil, utilizando dados dos artigos presentes no currículo Lattes de pesquisadores brasileiros. Por meio das análises realizadas foi possível descobrir que a média de artigos publicados por cada um dos 220 pesquisadores presentes na coleta é 1,4 artigos. Ainda, identificou-se os 11 autores mais produtivos sobre o tema, na qual se sobressaem as pesquisadoras Renata Puppim Zandonadi e Shila Minari Hargreaves, ambas com sete artigos sobre o tema, possuindo como área de formação a Nutrição e vínculo institucional com a Universidade de Brasília.

Ao verificar a formação acadêmica dos 11 autores mais produtivos, observou-se uma notável variação, possivelmente atribuída à natureza interdisciplinar que permeia o veganismo. Cursos como Administração, Nutrição e Agronomia/Agricultura destacam-se nesse cenário diversificado. Quanto à afiliação desses pesquisadores, todos mantêm vínculos com instituições públicas, sendo apenas uma instituição não federal. Evidencia-se a proeminência do Distrito Federal, representando três dos 11 autores. No entanto, a região mais prolífica em termos de quantidade de autores produtivos é o Sudeste.

Averiguando a presença de coautoria nos 107 artigos, observa-se uma média de 2,9 coautores por artigo, com um máximo de dez coautores registrado em apenas dois artigos. Esses dados sugerem que os estudos sobre veganismo no Brasil não costumam ter ocorrências de hiperautoria, indicando, no entanto, uma presença significativa de colaboração entre os pesquisadores.

Quanto às revistas nas quais os 107 artigos foram publicados, identificou-se um total de 82 títulos (sendo uma não localizada), na qual se distingue a Revista Brasileira de Direito Animal, com um total de 7 artigos publicados. No que se refere ao impacto, determinado por meio do Qualis 2017-2020, 14,8% dos periódicos possuem a avaliação mais elevada (estrato A1), enquanto 3,7% constam com a menor avaliação (estrato B4). Tratando da área das revistas, 94,7% das 75 revistas avaliadas no quadriênio 2017-2020 foram avaliadas na área Interdisciplinar, sendo as Ciências Humanas a Grande Área com mais revistas vinculadas.

Das 81 revistas passíveis de serem consideradas para análise, 87,7% possuem acesso aberto, 9,9% são híbridas e 2,5% são de acesso restrito. Nenhuma das 62 revistas brasileiras possuem sistema de acesso híbrido e nem utilizam do

modelo de negócios Article Processing Charges (APC). Enquanto isso, notou-se que a extensa maioria das revistas brasileiras utilizam o software Open Journal Systems (OJS) para gerenciar suas publicações. Adicionalmente, concluiu-se que ainda é singela a internacionalização da pesquisa sobre veganismo no cenário acadêmico brasileiro, sendo apenas 23,5% dos artigos publicados em revistas internacionais.

Quanto aos anos dos artigos, identificou-se um pico nas produções científicas sobre veganismo elaboradas por pesquisadores brasileiros no ano de 2021, possivelmente relacionado com o momento de pandemia de Covid-19 transcorrido entre os anos de 2020 e 2022. Apesar da queda das produções sobre o tema ocorrida no ano subsequente, pesquisas apontaram um crescimento do interesse dos cientistas ao redor do mundo em estudar sobre veganismo e vegetarianismo.

É relevante mencionar que a utilização dos currículos Lattes como fonte de coleta pode apresentar desafios devido à falta de padronização dos dados inseridos pelos pesquisadores. No entanto, simultaneamente, reconhece-se o significativo potencial da ferramenta Brapci Tools ao utilizá-la em conjunto com o Lattes.

Observa-se que a expectativa inicial era recuperar um maior número de artigos sobre veganismo nos currículos dos pesquisadores brasileiros. Entretanto, acredita-se que utilizando mais termos relacionados ao tema e suas variações no campo de busca por Assunto na Plataforma Lattes, seria possível aumentar o *corpus* da pesquisa e, conseqüentemente, aperfeiçoar as análises.

É preciso pontuar que, pelo pouco tempo disponível para elaborar este estudo e pela complexidade envolvendo a coleta no Lattes, fez-se necessário restringir o vocabulário utilizado na busca pelos currículos, dessa forma, diminuindo o *corpus* e viabilizando a entrega do trabalho no prazo estipulado. Além disso, comenta-se como outra limitação da pesquisa que, por conta da autora possuir baixa visão, algumas análises foram impossibilitadas, tendo em vista a falta de acessibilidade dos softwares disponíveis e conhecidos.

Sugere-se para estudos futuros ampliar o *corpus* da pesquisa, utilizando uma expressão de busca mais robusta e variada no campo de busca avançada por assunto presente na pesquisa de currículos na plataforma Lattes. Com isso, possibilitando um maior aprofundamento das análises e tornando-as mais sólidas. Algumas outras ideias de grande potencial seriam: a realização de estudos que tratem das redes de coautoria entre os pesquisadores que estudam veganismo no

Brasil; e pesquisas abordando indicadores de citações recebidas pelos autores brasileiros e de referências citadas pelos próprios em seus trabalhos.

Em estudos subsequentes, almeja-se investigar os motivos envolvendo a baixa internacionalização da pesquisa sobre veganismo no Brasil, aprofundando-se no uso do idioma inglês nas publicações e na existência de colaboração com autores estrangeiros. Ademais, pretende-se realizar pesquisas qualitativas para entender se existe uma preferência dos autores em publicar seus artigos em revistas brasileiras, ou além, se as dificuldades encontradas pelos pesquisadores brasileiros em publicar no exterior os mantém restritos aos periódicos nacionais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernanda Quaglio de; RIGHETTI, Sabine; GAMBA, Estêvão Cabestre. Produção científica nacional sobre Covid-19: uma análise de dados. Produção científica nacional sobre Covid-19: uma análise de dados. *In*: Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP, 29., 2021, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2021. Disponível em: <https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2021P18977A36458O5721.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11–32, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16>. Acesso em: 22 jul. 2023.

ARIOCH, David. Pitágoras, o filósofo grego que condenou o consumo de carne. **Vegazeta**, [s. l.], 23 set. 2018. Disponível em: <https://vegazeta.com.br/pitagoras-contra-a-matanca-de-animais/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica técnica e/ou científica: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 13, n. 30, p. 13-40, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/947>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BARBOSA, Catarina. Pecuária é responsável por 80% do desmatamento na Amazônia, afirma pesquisadora. **Brasil de Fato**, Belém, 5 set. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/09/05/pecuaria-e-responsavel-por-80-do-desmatamento-na-amazonia-afirma-pesquisadora>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BASIC REGISTER OF THESAURI, ONTOLOGIES AND CLASSIFICATIONS. All Science Journal Classification Codes. **BARTOC**, [Germany], 2021. Disponível em: <http://bartoc.org/en/node/20290>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BLATTMANN, Ursula; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Revistas científicas brasileiras e sua visibilidade no acesso aberto. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 3, p. 99–106, set./dez. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/92231>. Acesso em: 7 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovações. **Plataforma Lattes**: a maior base de dados da ciência brasileira. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovações, 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/plataforma-lattes>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento técnico do Qualis periódicos**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2023b. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de->

conteudo/documentos/avaliacao/avaliacao-quadrienal-2017/DocumentotecnicoQualisPeridicosfinal.pdf. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Sobre as áreas de avaliação**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2023c. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CASSIDY, Emily S. *et al.* Redefining agricultural yields: from tonnes to people nourished per hectare. **Environmental Research Letters**, [England], v. 8, n. 3, p. 034015, 1 ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1088/1748-9326/8/3/034015>. Acesso em: 28 jul. 2023.

CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. **Ética**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DAVYT, Amilcar; VELHO, Léa. A avaliação da ciência e a revisão por pares: passado e presente. Como será o Futuro? **História, Ciência, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000200005>. Acesso em: 26 dez. 2023.

FOLTER, Regiane. O que é especismo? E o movimento antiespecista?: cidadania, cultura e sociedade: meio ambiente: reflexões políticas. **Politize!**, Florianópolis, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/especismo-e-antiespecismo/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Live stock's long shadow: environmental issues and options**. Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), Rome, 2006, 390 p. Disponível em: <https://www.fao.org/3/a0701e/a0701e00.htm>. Acesso em: 28 jul. 2023.

GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Colaboração científica: indicadores relacionais de coautoria. **Brazilian Journal of Information Studies**, Marília, v. 12, n. 2, p.24-32, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2018.v12n2.04.p24>. Acesso em: 29 dez. 2023.

HILÁRIO, Carla Mara; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Aspectos éticos da coautoria em publicações científicas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 12-36, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/76312>. Acesso em: 29 dez. 2023.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches—traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00220410210431136>. Acesso em: 02 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa trimestral do abate de animais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21119-primeiros-resultados-2abate.html?edicao=36855>. Acesso em: 21 jul. 2023.

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não**. São Paulo: Cultrix, 2014, 200 p.

KAPLAN, N.; STORER, N. Scientific communication. *In*: SILLS, David L.; MERTON, Robert K. (ed.). **International encyclopedia of social sciences**. New York: MacMillan, 1968. v. 4. p.112-117.

KATZ, J. Sylvan; MARTIN, Ben R. What is research collaboration? **Research Policy**, Brighton, v. 26, n. 1, p. 1-18, mar. 1997. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s0048-7333\(96\)00917-1](https://doi.org/10.1016/s0048-7333(96)00917-1). Acesso em: 11 ago. 2023.

LECLERC, M. *et al.* Scientific co-operation between Canada and the European Community. **Science and Public Policy**, London, v. 19, n. 1, p. 15-24, fev. 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/spp/19.1.15>. Acesso em 23 jul. 2023.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, Tatyara de Alcântara. **Estudo cientométrico sobre ética animal no Brasil: uma análise da produção científica do Scielo**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/Tatyara%20de%20Alcantara%20Lima.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

LUIZ, Ronir Raggio. Avaliação de produtividade acadêmica: uma proposta de quantificação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 3, n. 6, p. 300-312, dez. 2006. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/112>. Acesso em: 3 jan. 2024.

MAIA, Maria de Fátima Santos; CAREGNATO, Sônia Elisa. Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 18-31, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362008000200003>. Acesso em: 06 jan. 2024.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília DF: Briquet de Lemos, 1999.

MEYER, Mandy. Here's how many vegans are in the world (2023). **The VOU**, London, 7 jan. 2023. Disponível em: <https://thevou.com/lifestyle/how-many-vegans-are-in-the-world/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

MIGLIORANZA, Cristiane I. V. Bicho não é coisa: reflexões sobre a Museologia e a questão animal. *In*: Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural, 3., 2016, Joinville. **Anais** [...] Joinville: UNIVILLE, 2017, p. 30-37. Disponível em: <https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1025686/A>

nais_enipac.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

MOURÃO, Frederico Cristiano Gonçalves. **Impactos da COVID-19 na produção científica internacional em diferentes áreas do conhecimento e bases de dados**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2022. 154 p. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/33261>. Acesso em: 27 dez. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000200004>. Acesso em: 26 dez. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 63-84, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/38313>. Acesso em: 21 jul. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. cap. 5, p. 73-96.

MUGNAINI, Rogério; DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. Comunicação científica no Brasil (1998-2012): indexação, crescimento, fluxo e dispersão. **TransInformação**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 239-252, set./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3786201400030002>. Acesso em: 03 ago. 2023.

NACONECY, Carlos Michelon. **Entre ética e animais**: um guia de argumentação filosófica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

NASSI-CALÒ, Lilian. Desafios da sustentabilidade do modelo de acesso aberto: periódicos em saúde do Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s. l.], v. 24, 2016. 3 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.0000.2827>. Acesso em: 7 jan. 2024.

NASSI-CALÒ, Lilian. Radiografia da publicação acadêmica em acesso aberto e seus indicadores bibliométricos. **SciELO em Perspectiva**, [s. l.], fev. 2018. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2018/02/09/radiografia-da-publicacao-academica-em-acesso-aberto-e-seus-indicadores-bibliometricos/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

NEGRINI, Vanessa; OLIVEIRA, Denise. Direito à informação, direitos animais e veganismo. *In*: Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 19, 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019, p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1624-1.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

OLIVEIRA, Fabio Alves Gomes de; AMARAL, Érica Quadros do. Deixadas para

morrer: sobre búfalas, desinformação e especismo estrutural. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5939>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PEREZ, Olivia Cristina. O novo Qualis Periódicos: possíveis diretrizes, impactos e resistências. **Novos Debates**, [s. l.], v. 6, n. 1-2, 2020. 8 p. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/48>. Acesso em: 6 jan. 2024.

PONOMARIOV, Branco; BOARDMAN, Craig. What is co-authorship?. **Scientometrics**, Budapest, v. 109, p. 1939-1963, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11192-016-2127-7>. Acesso em: 28 dez. 2023.

PRÍNCIPE, Eloísa. Taxas de APC em revistas brasileiras e portuguesas de acesso aberto: um estudo no DOAJ. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 48, n. 3, p. 47-53, set./dez. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4888>. Acesso em: 8 jan. 2024.

ROSA, Amanda de Lima de Machado. Alimentação: limites éticos entre cultura e tradição. *In*: Congresso Mundial de Bioética e Direito Animal, 7, 2020, Cuiabá. **Anais [...]**. Cuiabá: Instituto Abolicionista Animal, 2020, p. 229-241. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/direitosdosanimais/files/2020/10/Anais-do-VII-Congresso-B-e-DA.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.

RUIZ, Milton Artur; GRECO, Oswaldo Tadeu; BRAILE, Domingo Marcolino. Fator de impacto: importância e influência no meio editorial, acadêmico e científico. **Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 273-278, jul. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-76382009000400004>. Acesso em: 27 dez. 2023.

RYDER, Richard Dudley. Speciesism: an animal rights article from All-Creatures.org. **All-Creatures.org**, [United States], jun. 2020. Disponível em: <https://www.all-creatures.org/articles2/ar-speciesism-richard-ryder.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SALEHI, Gelareh; DÍAZ, Estela; REDONDO, Raquel. Forty-five years of research on vegetarianism and veganism: a systematic and comprehensive literature review of quantitative studies. **Heliyon**, [s. l.] v. 9, n. 5, 2023. 33 p. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S240584402303298X>. Acesso em: 06/01/2024.

SANTIN, Dirce Maria; VANZ, Samile Andrea de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. A análise de redes de colaboração científica com base em indicadores bibliométricos. *In*: FRANCO, Sérgio Roberto Kieling; FRANCO, Maria Estela Dal Pai; LEITE, Denise Balarine Cavalheiro (org.). **Educação superior e conhecimento no centenário da reforma de Córdoba**: novos olhares em contextos emergentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 189-207. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/195603>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SANTIN, Dirce Maria; VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Internacionalização da produção científica brasileira: políticas, estratégias e medidas

de avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 13, n. 30, p. 81-100, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/923>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SCARBOROUGH, Peter *et al.* Vegans, vegetarians, fish-eaters and meat-eaters in the UK show discrepant environmental impacts. **Nature Food**, [Berlin], p. 565–574, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s43016-023-00795-w>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SCHINAIDER, Anelise Daniela *et al.* O estado da arte do consumo vegano na produção científica internacional. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 527-544, 1 out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36920/esa-v25n3-3>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SCHUCK, Cynthia; RIBEIRO, Raquel. **Comendo o planeta: impactos ambientais da criação e consumo de animais**. 3. ed. [São Paulo]: Sociedade Vegetariana Brasileira, 2018.

SERRA, Fernando Antonio Ribeiro; FIATES, Gabriela Gonçalves; FERREIRA, Manuel Portugal. Publicar é difícil ou faltam competências? O desafio de pesquisar e publicar em revistas científicas na visão de editores e revisores internacionais. **RAM: Revista de Administração Mackenzie**, [s. l.], v. 9, n. 4, p. 32-55, maio 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000400004>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SILVA, Tayna Gonçalves; ALMEIDA, Vitória Gomes. Mediação da Informação e Veganismo: ética, crise ecológica e direito dos animais em reflexão. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 85-117, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46902/2021n1p85-117>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SLOANE, Philip D.; ZIMMERMAN, Sheryl. The impact of the COVID-19 pandemic on scientific publishing. **Journal of the American Medical Directors Association**, [United States], v. 22, n. 3, p. 484-488, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jamda.2021.01.073>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil. **Sociedade Vegetariana Brasileira**, [São Paulo], 22 set. 2022. Disponível em: <https://svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. Vegetarianismo: qual a diferença entre veganismo e vegetarianismo?. **Sociedade Vegetariana Brasileira**, [São Paulo], [201-]. Disponível em: <https://svb.org.br/vegetarianismo-e-veganismo/o-que-e/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

STUCCHI, Amanda. Quantos veganos existem no mundo?. **VeganBusiness**, [s. l.], 6 jan. 2023. Disponível em: <https://veganbusiness.com.br/quantos-veganos-existem-no-mundo/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

STUMPF, Ida Regina Chittó. **Revistas universitárias: projetos inacabados**. 1994. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/142230>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SUDDATH, Claire. A brief history of veganism. **Time**, United States, 30 out. 2008. Disponível em: <https://time.com/3958070/history-of-veganism/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, [João Pessoa], v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92195>. Acesso em: 21 jul. 2023.

THE VEGAN SOCIETY. **Ripened by human determination: 70 years of The Vegan Society**. London, p. 2-6, nov. 2014. Disponível em: <https://www.vegansociety.com/sites/default/files/uploads/Ripened%20by%20human%20determination.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023.

THOMAZ, Petronio Generoso; ASSAD, Renato Samy; MOREIRA, Luiz Felipe Pinho. Uso do Fator de Impacto e do Índice H para avaliar pesquisadores e publicações. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, [s. l.], v. 96, n. 2, p. 90-93, fev. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0066-782X2011000200001>. Acesso em: 26 dez. 2023.

VANZ, Samile Andrea de Souza; SILVA FILHO, Rubens da Costa. O protagonismo das revistas na comunicação científica. *In*: CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; FERREIRA NETO, Amarílio; SANTOS, Wagner dos (org.). **A comunicação científica em periódicos**. Curitiba: Appris, 2019. p. 19-44.

VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [Belo Horizonte], v. 15, p. 42–55, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362010000200004>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VOLPATO, Gilson Luiz; FREITAS, Eliane Gonçalves de. Desafios na publicação científica. **Pesquisa Odontológica Brasileira**, [s. l.], v. 17, p. 49-56, maio 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pob/a/DZ9n6VWbwxv5zTGKcztFM3H/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2024.